Sigmund Freud

sexualidade

EDITORIAL ÁTICA

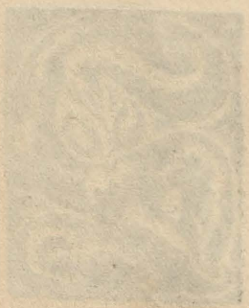
Colecção «Scientia Vitae»

LIVRARIA BAZAR

Sexualidade

Sexualidade / por Sigmund Freud / tradução de Osório de Oliveira

EDITORIAL ÁTICA



Alvidy Sá
Santos, 31-1-934.

Nota explicativa da intenção do tradutor

É possível que muitos se contentassem com alegar uma encomenda do editor para dar como justificada a tradução dum livro dêste género. Nós entendemos, porém, que o tradutor tem deveres para com o público, para com a crítica e para consigo próprio. As razões de ordem prática não bastam, por mais imperiosas que sejam, quando se tem a noção da moral intelectual. Digamos, por isso, qual a razão que nos levou a dar a conhecer em português as teorias do professor Sigmund Freud sôbre a sexualidade.

Depois de Max Scheler, é possível falar, em filosofia, de valores sentimentais. Dito isto, não parecerá deslocada, no limiar dum livro de ciência, a seguinte alegação do tradutor: Cremos que os sentimentos como a simpatia, estudada por aquele filósofo, têm mais importância do que os fenómenos a que o doutor Freud dá tanto valor. A-pesar

de êle se defender dessa acusação, entendemos que das suas teorias resulta um verdadeiro pan-sexualismo. Ora isso vem contrariar a nossa concepção espiritual da vida, filha do platonismo, do cristianismo e do romantismo.

Se as teorias freudianas, sôbre a sexualidade infantil, principalmente, contrariam, ofendem e magoam, mesmo, a nossa sensibilidade moral, o que é certo é que a elas devemos uma parcela de verdade. Muitos dirão que não é preciso nem há vantagem em conhecer tôdas as verdades. Nós pensamos, ao contrário, que tôdas as verdades são úteis e necessárias. A revelação das verdades ocultas da sexualidade produziu, pelo menos, isto: uma compreensão mais humana das aberrações sexuais. De resto, o doutor Freud não se limitou a diagnosticar o mal: criou para êle uma terapêutica que se chama psicoanálise. A ela ficará devendo a humanidade a cura de muitos sofrimentos morais.

Se admitirmos a veracidade das teorias de Freud, ¿como poderemos continuar a crer no «eros» de Max Scheler? ¿A que ficam reduzidos os sentimentos afectivos, se aceitarmos a existência do «líbido»? ¿A uma sublimação da sexualidade? ¡Que importa a origem sexual! Desde que há sublimação, há libertação da matéria ou, pelo menos, vitória do espírito. Com isso se consola o nosso idealismo.

OSÓRIO DE OLIVEIRA.

As aberrações sexuais

PARA explicar as necessidades sexuais do homem e do animal, a biologia serve-se da hipótese de que existe um «instinto sexual»; da mesma maneira que, para explicar a fome, supõe a existência do «instinto de nutrição». Em todo o caso, a linguagem popular não possui um têrmo que corresponda à palavra fome para a necessidade sexual. O único têrmo apropriado: «prazer», presta-se, infelizmente, a equívoco por designar tanto a sensação como a satisfação da necessidade. A linguagem científica serve-se, por isso, do têrmo: «líbido».

O vulgo tem certas idéias preconcebidas sôbre a natureza e os caracteres do instinto sexual. Assim, está estabelecido que a infância não tem êsse instinto, que êle se constitui no momento da puberdade e em estreita ligação com os processos que conduzem à maturidade, que se manifesta sob a forma duma atracção irresistível exercida por um dos sexos sôbre o outro, e que o seu fim é a união sexual, ou, pelo menos, o conjunto de actos que tendem a essa união.

Nós temos razões para crer que esta descrição

 não corresponde, senão duma forma imperfeitíssima, à realidade. Se a analisarmos de perto, descobriremos uma quantidade de erros, de inexactidões e de juizos precipitados.

Comecemos por fixar dois termos: a pessoa que exerce uma atracção sexual designá-la-emos por «objecto sexual»; o acto para que o instinto impele será denominado «fim sexual».

A experiência científica prova-nos que existem numerosos desvios relativos tanto ao «objecto» como ao «fim sexual». Teremos, por isso, que procurar aprofundar as relações que existem entre êsses desvios e aquilo que se considera o estado normal.

I — Desvios relacionados com o objecto sexual

A melhor interpretação da noção popular de instinto sexual encontramo-la nós na lenda, cheia de poesia, segundo a qual o ser humano foi dividido em duas metades: o homem e a mulher, que tendem a unir-se pelo amor. E por isso que causa espanto saber que há homens para quem o objecto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para quem a mulher representa êsse objecto. Aos indivíduos desta espécie, chama-se-lhes: homosexuais, ou melhor, *invertidos;* ao fenómeno, chama-se-lhe: *inversão.* Sabe-se que os invertidos são bastante numerosos, embora seja freqüentemente difícil identificá-los.

A — *A inversão*

DAS DIFERENTES ATITUDES DOS INVERTIDOS. — Nos invertidos distinguem-se os seguintes tipos:

a) Os invertidos completos, quere dizer, aqueles

 cuja sexualidade não têm por objecto senão indíviduos pertencentes ao mesmo sexo. Os indivíduos do outro sexo deixam-nos indiferentes, ou provocam nêles uma aversão sexual. Quando homens, tornam-se, por causa dessa aversão, incapazes do acto sexual normal ou, pelo menos, não encontram nêle prazer algum.

b) Os invertidos anfígenos (hermafroditismo psicosexual), quere dizer, aqueles cuja sexualidade pode ter por objecto, indiferentemente, um ou outro sexo. O carácter exclusivista faltará, portanto, neste tipo de inversão.

c) Os invertidos ocasionais. A inversão, nestes casos, é determinada pelas circunstâncias exteriores, especialmente pela privação dum objecto sexual normal ou pela influência do meio.

Os invertidos julgam-se de maneiras diferentes quanto à sua particularidade sexual. Para uns, a inversão é uma coisa tão natural como, para o ser normal, a tendência do desejo. Êsses reclamam, para a inversão, o direito de ser colocada no mesmo plano que a sexualidade normal. Outros, revoltam-se contra o facto da sua inversão, e sujeitam-se a êle como a uma opressão mórbida.

Distinguem-se, também, diferentes tipos de inversão, segundo o período da vida em que apareceram essas manifestações sexuais. Nalguns, a inversão parece ter existido desde que se lem-

bram. Noutros, ela manifestou-se num determinado momento, antes ou depois da puberdade. Esta característica sexual pode manter-se tôda a vida ou desaparecer momentâneamente; pode não ser senão um episódio duma evolução normal, e pode aparecer, enfim, tardiamente, após um longo período de sexualidade normal. Têm-se notado, mesmo, casos de oscilações periódicas entre um objecto sexual normal e um objecto invertido. São especialmente interessantes os casos em que o «líbido» se orienta no sentido da inversão, depois duma experiência dolorosa feita sôbre um objecto sexual normal.

Essas diferentes séries de variações são, geralmente, independentes umas das outras. Nas formas extremas — as da inversão integral —, pode dizer-se que a particularidade sexual aparece cedo na vida, e que o indivíduo vive com ela em boa harmonia.

Numerosos autores recusar-se-ão, sem dúvida, a reünir num todo os diferentes casos citados, insistindo sôbre as diferenças que êles apresentam, em vez de insistir sôbre as semelhanças, o que corresponde melhor às suas idéias sôbre a inversão. Mas, por mais legítimas que sejam as divisões, não se pode deixar de reconhecer que todos os graus intermediários se podem encontrar, parecendo impor-se, portanto, a noção de série.

TEORIA DA INVERSÃO. — A inversão foi, primeiro, considerada como o sinal duma degenerescência nervosa congénita. Isso explica-se pelo facto de as primeiras pessoas, nas quais os médicos observaram a inversão, serem neurópatas ou, pelo menos, terem tôdas as aparências disso. Esta tese contém duas afirmações que devem ser apreciadas separadamente: *a inversão é congénita; a inversão é um sinal de degenerescência.*

DEGENERESCÊNCIA. — O uso inconsiderado do têrmo degenerescência, aqui como em tôda a parte, levanta objecções. Pouco a pouco, tornou-se um hábito chamar degenerescência tôda a manifestação patológica, cuja etiologia não seja claramente traumática ou infecciosa. Graças à classificação dos degenerados feita por Magnan, tornou-se possível aplicar o têrmo degenerescência a casos onde o funcionamento do sistema nervoso é perfeito. ¿ Que valor e que novo conteúdo pode ter, assim, esta noção de degenerescência? Parece preferível não falar de degenerescência nos seguintes casos:

1.º — Quando não há coexistência de outros desvios;

2.º — Quando o conjunto das funções e actividades do indivíduo não sofrem alterações graves.

Que os invertidos não são, neste sentido, de-

generados, eis o que ressalta dum conjunto de factos:

I — A inversão encontra-se em indivíduos que não apresentam taras graves;

II — A inversão encontra-se em indivíduos cuja actividade geral não é perturbada e cujo desenvolvimento moral e intelectual pode atingir, mesmo, um grau muito elevado. Devemos concordar, com os defensores do *uranismo,* que alguns dos homens mais notáveis foram invertidos e, mesmo, possìvelmente, invertidos completos (1);

III — Encarando a inversão sob um ponto de vista menos limitado que o dos clínicos, encontram-se duas categorias de factos que impedem de a considerar como um estigma de degenerescência:

a) E preciso não esquecer que a inversão foi uma prática freqüente e, poder-se-ia mesmo dizer, uma instituïção importante nos povos da antiguidade, no período mais alto da sua civilização.

b) A inversão é uma coisa extremamente espalhada entre as populações primitivas e selvagens. Ora o têrmo degenerescência não se costuma aplicar senão às civilizações adiantadas (J. Bloch).

---

(1) Só assim podemos compreender os casos dum Óscar Wilde e dum André Gide, para citar, apenas, os dois mais conhecidos, mais ilustres e mais lamentáveis do nosso tempo. (N. do T.)

 E, mesmo entre os diferentes povos civilizados da Europa, o clima e a raça têm uma influência considerável sôbre a freqüência da inversão e a atitude moral a seu respeito.

CARÁCTER CONGENITO DA INVERSÃO. — Dantes, considerava-se a inversão como congénita sòmente nos invertidos completos. Essa afirmação fundamentava-se nos testemunhos dos próprios enfermos, que diziam não ter conhecido, em momento algum da sua vida, outra forma de instinto sexual. Mas o facto de existirem mais duas categorias de invertidos, e, especialmente, invertidos ocasionais, concilia-se mal com a hipótese de a inversão ter um carácter congénito. E por isso que os defensores desta hipótese têm uma forte tendência para isolar a categoria dos invertidos completos, o que levaria a renunciar a uma explicação única e geral da inversão. Seria preciso admitir que, num certo número de casos, a inversão tem um carácter congénito, e que, nos outros casos, a sua origem é diferente.

Contrariando esta concepção, existe uma outra que apresenta a inversão como um carácter adquirido do instinto sexual, apoiando-se nos seguintes factos: 1.º — pode-se encontrar no comêço da vida de numerosos invertidos, mesmo completos, uma impressão sexual, de que a homossexualidade não é mais do que o prolongamento e a conti-

nuação; 2.º — noutros invertidos, igualmente numerosos, o que fixa, cedo ou tarde, a inversão são as circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis: contacto exclusivo com pessoas do mesmo sexo, promiscuïdade em tempo de guerra, estadas na prisão, receio dos perigos que contêm as relações heterossexuais, celibato, impotência, etc.; 3.º — a sugestão pode fazer desaparecer a inversão, o que seria de estranhar, se se admitisse o carácter congénito.

Partindo dêsses pontos de vista, pode-se chegar a negar, inteiramente, a existência duma inversão congénita. Assim, poder-se-á dizer (Havelock Ellis) que um exame mais demorado dos casos de inversão pseudo-congénitos mostrará, segundo tôdas as probabilidades, a existência, na primeira infância, dum acontecimento que teve uma influência decisiva sôbre o «líbido» e que, se bem que desaparecido da memória consciente, pode ser recordado por meio dum tratamento psíquico apropriado. Para os defensores duma tal concepção, a inversão não seria mais do que uma das múltiplas variações do instinto sexual, determinada por circunstâncias exteriores.

Esta afirmação, aparentemente tão aceitável, não resiste à fácil verificação dêste facto: são numerosos os indivíduos que conheceram essas experiências sexuais da juventude (sedução, ona-

 nismo mútuo) sem se tornarem por isso invertidos, pelo menos por muito tempo. Assim, é-se levado a supor que a alternativa entre o carácter congénito e o carácter adquirido não esgota o conjunto dos factos ou não se adapta às diferentes modalidades da inversão.

EXPLICAÇÃO DA INVERSÃO. — Quer se admita a primeira, quer se admita a segunda teoria, quer a inversão seja congénita, quer seja adquirida, a sua natureza fica por explicar. Na primeira hipótese, seria preciso determinar o que é innato na inversão, a não ser que nos contentássemos com a explicação grosseira, que consiste em dizer que se nasce com o instinto sexual ligado a um certo objecto sexual. Na segunda hipótese, seria preciso saber se as diferentes influências acidentais bastariam para explicar o carácter adquirido sem que fôsse necessário fazer intervir qualquer disposição individual, o que sabemos não ser possível.

PAPEL DA BISSEXUALIDADE.—Depois dos trabalhos de Frank Lydstone, Kiernan e Chevalier, fêz-se intervir na controvérsia, para explicar o facto da inversão, uma teoria que é contrária à opinião popular. Segundo esta, o ser humano deve ser homem ou mulher. A ciência revela-nos casos em que desapareceram todos os caracteres

sexuais e em que, por conseqüência, a determi- 13
nação sexual se torna difícil, a começar pelo lado anatómico. Nesses indivíduos, os órgãos genitais são, ao mesmo tempo, masculinos e femininos (hermafroditismo). Nalguns casos excepcionais, os órgãos genitais dos dois sexos coexistem um ao lado do outro (hermafroditismo verdadeiro). Geralmente, verifica-se uma atrofia dos dois órgãos.

Estas anomalias têm interêsse por lançarem uma luz inesperada sôbre a anatomia normal. Um certo grau de hermafroditismo anatómico é uma coisa normal. Encontram-se vestígios do órgão genital do sexo oposto em todos os indivíduos, machos ou fêmeas. Êsses órgãos em estado rudimentar estão privados de tôdas as funções ou adaptaram-se a uma função diferente.

A noção que se tira dêstes factos, conhecidos há muito, é a da existência, na origem, dum organismo bissexual, que, durante a evolução sexual, se vai orientando para a monossexualidade, embora conserve alguns restos atrofiados do sexo contrário.

Pode-se aplicar esta concepção às coisas de natureza psíquica e interpretar a inversão como a expressão dum hermafroditismo psíquico. Seria preciso, porém, poder verificar uma coincidência regular entre a inversão e os sinais psíquicos e somáticos do hermafroditismo.

 As observações não confirmam esta concepção. As relações do hibridismo psíquico com o hibridismo anatómico evidente não são tão íntimas e tão constantes como se tem dito. O que se encontra nos invertidos é uma deminuïção do instinto sexual (Havelock Ellis) e um ligeiro atrofiamento do órgão. Isto é freqüente, mas não constante, e não se encontra mesmo na maioria dos casos. De maneira que é preciso admitir que o hermafroditismo somático e a inversão são duas coisas independentes.

Ligou-se também uma grande importância aos caracteres sexuais chamados secundários ou terciários e à sua freqüência nos invertidos (H. Ellis). Isto é muitas vezes assim, mas é preciso não esquecer que êsses caracteres secundários e terciários aparecem com bastante freqüência nos indivíduos do sexo oposto, e apresentam caracteres de hermafroditismo, sem que haja, nesses mesmos indivíduos, inversão no objecto do desejo.

A teoria do hermafroditismo psíquico seria mais clara, se a inversão fôsse acompanhada duma transformação das outras qualidades do espírito, das tendências do carácter, em qualidades características do outro sexo. Mas esta inversão do carácter não se dá, freqüentemente, senão na mulher. No homem, verifica-se, geralmente, a união da inversão e de todos os carac-

teres da virilidade. Se se quiser manter a teoria do hermafroditismo psíquico, ter-se-á que acrescentar, pelo menos, que não pode ser suficientemente estabelecida uma regularidade no encadeamento das suas diferentes manifestações. O mesmo se dá com o hermafroditismo somático, segundo Halban. O atrofiamento dos órgãos e o desenvolvimento dos caracteres secundários constituem duas ordens de factos relativamente independentes.

A bissexualidade na sua forma mais rudimentar foi definida, por um apologista dos invertidos machos, como *um cérebro de mulher num corpo de homem*. Simplesmente, nós não sabemos o que é um *cérebro de mulher*. Querer transportar o problema do domínio psicológico para o domínio anatómico é tão inútil como impossível. A explicação tentada por Krafft-Ebing parece aproximar-se mais da solução do problema que a de Ulrich, e, no entanto, não diverge dela essencialmente. Krafft-Ebing afirma que a bissexualidade dos órgãos genitais do indivíduo corresponde a um duplo centro cerebral, um macho e outro fémea. Êsses centros desenvolver-se-iam no momento da puberdade, especialmente sob a influência das glândulas genitais, com as quais não teriam, no entanto, ligação alguma. Mas pode-se dizer dêsses *centros* cerebrais o que se disse dos cérebros masculinos e

 femininos. Mais ainda: ignoramos se existem localizações cerebrais *(centros)* da sexualidade, análogas às que podemos admitir que existam, por exemplo, para a linguagem.

No entanto, retenhamos duas idéias para a nossa explicação da inversão: em primeiro lugar, é preciso contar com uma disposição bissexual; não sabemos, porém, qual é o seu substracto anatómico. Vemos, em seguida, que se trata de perturbações que modificam o instinto sexual no seu desenvolvimento.

OBJECTO SEXUAL DOS INVERTIDOS. — A teoria do hermafroditismo psíquico supõe que o objecto sexual dos invertidos é o oposto do que quereria o instinto normal. O invertido, exactamente como a mulher, é atraído pelas qualidades viris do corpo e do espírito masculinos. Sente-se a si próprio como mulher e procura o homem.

Mas, se bem que se dê efectivamente com grande número de invertidos, êsse facto não constitui um carácter geral da inversão. É indiscutível que muitos invertidos homens conservam os caracteres psíquicos do seu sexo, apresentam poucos caracteres secundários do sexo oposto, e, no fundo, procuram, no objecto sexual, caracteres psíquicos de feminilidade. Se assim não fôsse, seria incompreensível o facto de os prosti-

tuídos machos, que se oferecem aos invertidos, hoje como na antiguidade, copiarem a mulher nas suas manifestações exteriores e na maneira de se vestirem. Se assim não fôsse, esta imitação iria contra o desejo do invertido. E evidente que entre os gregos, os mais viris dos quais eram invertidos, o que excitava o desejo não era o que havia de viril nos rapazes, mas, ao contrário, as qualidades femininas do seu corpo, assim como as do seu espírito: timidez, reserva, desejo de aprender e necessidade de protecção. Assim que o rapaz se tornava um homem, deixava de ser um objecto sexual para o homem e passava a procurar, por sua vez, o adolescente. Neste caso, como em muitos outros, o invertido não persegue um objecto pertencente ao seu sexo, mas o objecto sexual que una em si mesmo os dois sexos. Trata-se dum compromisso entre duas tendências, uma das quais se dirige para o homem e a outra para a mulher, com a condição, é claro, de o objecto da sexualidade possuir os caracteres anatómicos do homem (aparelho genital masculino). E, por assim dizer, a imagem da natureza bissexual.

A inversão na mulher apresenta caracteres menos complicados. As invertidas activas têm, geralmente, caracteres somáticos e psíquicos masculinos e buscam a feminilidade no seu objecto sexual. No entanto, um conhecimento mais pre-

 ciso dos factos revelaria, também aqui, maior variedade.

FIM SEXUAL DO INVERTIDO. — O que convém reter, principalmente, é que o fim sexual na inversão não apresenta caracteres uniformes. Nos homens, o coito anal não é a única relação sexual entre invertidos. A masturbação é, muitas vezes, o fim exclusivo. As deminuïções sucessivas do fim sexual, até não haver mais do que uma simples efusão sentimental, são mais freqüentes que no amor heterossexual. Nas mulheres, os fins sexuais da inversão são, também, variados. Dentre êsses fins, o contacto das mucosas bucais é o mais procurado.

CONCLUSÃO. — Se não nos foi possível encontrar, nos dados que possuímos, a explicação da inversão, pudémos, no entanto, chegar a pontos de vista que podem ser mais importantes para nós do que a própria solução do problema. Sabemos, presentemente, que cometíamos um êrro estabelecendo ligações demasiadamente íntimas entre a tendência sexual e o objecto sexual. A experiência ensina-nos que, nos casos que consideramos como anormais, existe, entre a tendência sexual e o objecto sexual, uma soldadura, que não se nota na vida sexual normal, onde a tendência parece conter já em si o seu objecto.

Podemos crer, de facto, que a tendência existe independentemente do seu objecto e que a sua eclosão não é determinada pelas excitações vindas dos mesmos.

B — *Prepúberes e animais tomados como objectos sexuais*

Enquanto que os invertidos, a pesar de escolherem o seu objecto sexual fora do sexo que, normalmente, os devia atraír, dão a impressão de não ter, àparte o desvio, nenhuma tara, os indivíduos que tomam prepúberes (crianças) por objecto sexual aparecem, logo à primeira vista, como extraviados isolados. E raro que as crianças sejam o único objecto sexual; vulgarmente, não desempenham êsse papel senão quando um indivíduo, tornado impotente e perdido o vigor, resolve recorrer a tais expedientes, ou quando o instinto sexual, sob uma das suas formas mais imperiosas, não encontra, para se satisfazer, um objecto mais apropriado. Todavia, é interessante verificar o facto de o instinto sexual admitir tantas variedades e poder degenerar, quanto ao seu objecto, até uma altura, que a fome, muito mais estritamente ligada aos objectos que lhe são próprios, não atinge, senão em último caso. O mesmo se pode dizer quanto ao coito com os animais, o que é vulgar entre os camponeses e

 pode ser caracterizado pelo facto de o instinto sexual ultrapassar, nesses casos, os limites fixados pela espécie.

Por motivos estéticos, quereríamos poder relegar à psiquiatria estes casos, e alguns outros, de grave extravio do instinto sexual. Não nos parece isso possível, no entanto. A experiência ensina-nos que, nesses casos, as outras perturbações do instinto sexual não são diferentes das dos normais. Além disso, encontram-se aqueles extravios em raças inteiras e em certas classes sociais. Assim, os casos de abuso de crianças dão-se com uma freqüência deplorável com os professores e com os vigilantes das escolas, que são levados a isso pelas facilidades que encontram. Nos alienados encontram-se os mesmos extravios, mas num grau superior, ou tornados exclusivos e substituindo a satisfação sexual normal, o que é bastante significativo.

São, na verdade, cheias de ensinamentos estas curiosas relações entre as diferentes variações sexuais, com as quais se pode formar uma série que, partindo do estado normal, vá até à doença mental. Pode-se concluir que as manifestações da sexualidade são das que, mesmo na vida normal, escapam mais à influência da actividade psíquica superior. Aquele que, em qualquer domínio, é considerado como anormal sob o ponto de vista social e moral, segundo a minha expe-

riência, é sempre um anormal na sua vida sexual. Existem, porém, muitos anormais sexuais que, sob todos os outros aspectos, correspondem à média e estão quites com a nossa civilização — cujo ponto fraco consiste, exactamente, na sexualidade.

O que me parece mais importante é o facto de, em muitas circunstâncias e para um número surpreendente de indivíduos, o género e o valor do objecto sexual desempenharem um papel secundário. Temos que concluir que não é o objecto que constitui o elemento essencial e constante da tendência sexual.

II — Desvios relacionados com o fim sexual

Considera-se como fim sexual normal o contacto das partes genitais no coito, a descarga sexual e a satisfação, por algum tempo, do instinto — satisfação que apresenta analogias com a da fome. No entanto, no processo sexual mais normal encontram-se tendências, cujo desenvolvimento levará a qualquer dos desvios descritos sob o nome de perversões. Fixando-nos em certos actos intermediários que precedem o acto sexual, tais como certos contactos ou certas excitações visuais, somos levados a considerá-los como constituindo fins sexuais provisórios. Êsses actos preliminares são acompanhados de prazer, por um lado, e, por outro, intensificam a excitação que se deve manter até o fim do acto sexual. Um dêsses contactos, o das mucosas bucais — sob o nome vulgar de beijo — adquiriu em muitos

povos, entre os quais os civilizados (1), um alto valor sexual, se bem que as partes do corpo interessadas não pertençam ao aparelho genital e formem a entrada do tubo digestivo. Há factos aí que permitem ligar as perversões à vida normal e podem fornecer elementos de classificação.

As perversões consistem em fenómenos de duas espécies: a) *transgressões anatómicas* quanto às partes destinadas a fazer a união sexual; b) *paragens* em certos actos intermediários que, normalmente, devem ser ultrapassados ràpidamente para atingir o fim sexual definitivo.

A — *Transgressões anatómicas*

APRÊÇO EXCESSIVO DO OBJECTO SEXUAL. — O valor que se liga ao objecto sexual, como objecto destinado a satisfazer o instinto, não se limita, geralmente, às partes genitais, mas estende-se ao corpo inteiro dêsse objecto, e tende a apropriar-se de tôdas as sensações que dêle emanam. O aprêço excessivo estende-se, também, ao domínio psíquico, e manifesta-se por uma cegueira, uma falta de sentido das propor-

---

(1) Seja-nos permitido notar aqui que o povo japonês, que também é civilizado, não pratica o beijo e não faz uso dêle no amor. (N. do T.)

 ções na apreciação das qualidades psíquicas e perfeições do objecto sexual, uma fácil submissão aos juízos emitidos por êle. A credulidade provocada pelo amor é uma fonte importante, se não a fonte original da autoridade.

E êste excessivo aprêço sexual que, não se conciliando muito bem com o fim sexual limitado ao aparelho genital pròpriamente dito, leva a utilizar outras partes do corpo com um fim sexual.

A importância do excessivo aprêço sexual pode ser estudada fàcilmente, no homem, que tem uma vida erótica acessível às investigações. A vida erótica da mulher, pelo contrário, em virtude dum atrofiamento proveniente da civilização, e, em parte, também, por causa de reservas convencionais e duma certa falta de sinceridade, está ainda envôlta num espesso véu.

USO SEXUAL DAS MUCOSAS BUCAIS. — O uso da bôca como orgão sexual é considerado como perversão, quando os lábios (ou a língua) tomam contacto com as partes genitais, mas não quando são só as mucosas bucais que se tocam. Esta excepção, que nós estabelecemos a favor do beijo, é um elo da cadeia que liga a perversão ao acto normal. Quando sentimos horror por essas práticas, em uso desde as origens da humanidade, e as consideramos como

perversões, cedemos a um sentimento de repugnância que afasta de nós êsses fins sexuais. Mas os limites dêsse sentimento de repugnância são muito convencionais. A mesma pessoa que beija com ardor os lábios duma bonita rapariga não se servirá sem custo da sua escova de dentes. E, no entanto, não há razões para que a bôca dessa pessoa, que não sente por ela repugnância alguma, seja mais apetecível que a da rapariga. Notemos, a propósito, a importância do papel desempenhado pela repugnância, a qual pode contrariar o «líbido», embora possa ser, também, vencida por êste. A repugnância é, de facto, uma das fôrças que contribuem para limitar os fins sexuais.

Geralmente, as exclusões motivadas pela repugnância não compreendem o aparelho genital. No entanto, é fora de dúvida que os orgãos genitais do outro sexo podem, como tais, inspirar repugnância. Essa atitude é peculiar a todos os histéricos, especialmente às mulheres. A fôrça do instinto sexual é de tal ordem, porém, que passa por cima dessa repugnância.

USO SEXUAL DO ORIFÍCIO ANAL. — Este caso mostra, mais claramente ainda, que é a repugnância, provocada pelo uso do orifício anal como fim sexual, que marca êsse uso com o ferrete da perversão. Emitindo esta opinião, eu não

 quero dizer que o argumento que motiva essa repugância (esta parte do corpo serve à defecação e está em contacto com matérias naturalmente repugnantes) tenha o mesmo valor que as razões invocadas pelas raparigas histéricas para explicar a sua repugnância pelo aparelho genital masculino (por servir à micção).

O fim sexual da mucosa anal não se limita às relações entre homens, e a preponderância que êle adquire não é uma característica da inversão. Ao contrário, a importância da utilização do homem com êsse fim parece ser devida às analogias existentes entre essa utilização e o acto normalmente praticado sôbre a mulher. Além disso, o fim sexual perseguido, de preferência, pelos invertidos é a masturbação mútua.

IMPORTANCIA SEXUAL DAS OUTRAS PARTES DO CORPO. — A transferência da sexualidade para outras partes do corpo não contém, nas suas diferentes variações, ensinamento algum verdadeiramente novo, e não contribui em nada para o conhecimento do instinto sexual, que não faz mais do que afirmar a sua vontade de conquistar o objecto em tôdas as suas partes. Mas, fora do excessivo aprêço sexual, nós verificamos a existência, nos casos de transferência anatómica, dum novo elemento bastante ignorado dos não iniciados. Certas par-

tes do corpo, tais como as mucosas bucais e anais — de que se pode ver a importância graças a tôdas estas práticas — acabam por ser consideradas e tratadas como órgãos genitais. Veremos como esta tendência se justifica pelo desenvolvimento do instinto sexual e como encontra a sua realização na sintomatologia de certos estados mórbidos.

EQUIVALENTES IMPROPRIOS DO OBJECTO SEXUAL; FETICHISMO. — São particularmente interessantes os casos em que o objecto sexual normal é substituído por um outro em relação com êle e nada apropriado ao fim sexual normal. Teria sido preferível, por uma questão de clareza, estudar êsse interessante grupo de desvios ao mesmo tempo que os desvios do objecto sexual. Mas nós adiamos êsse estudo para depois do do *excessivo aprêço sexual,* do qual dependem êsses fenómenos que levam a renunciar ao fim sexual normal.

O equivalente do objecto sexual é, geralmente, uma parte do corpo pouco apropriada a um fim sexual (o cabelo, os pés) ou um objecto inanimado que esteja em contacto com o objecto amado e, de preferência, com o seu sexo (peças de vestuário, roupa branca). Êsses equivalentes podem, na verdade, ser comparados ao fetiche em que o selvagem incarna o seu deus.

A transição para as formas do fetichismo completo — a renúncia ao fim sexual, normal ou perverso — é estabelecida pelos casos em que, para atingir o fim, se exige do objecto sexual certos caracteres fetichistas (uma determinada côr do cabelo, certas maneiras de vestir ou, mesmo, certas imperfeições físicas). Nenhuma das variações sexuais no limite da patologia tem o interêsse desta, por causa dos fenómenos estranhos que produz. A sua existência pressupõe um certo enfraquecimento da tendência para um objecto normal (uma fraqueza do aparelho genital). A transição para a sexualidade normal reside no aprêço excessivo do objecto sexual, que parece ser uma necessidade psicológica e se apodera de tudo que se liga com o objecto. É por isso que no amor normal se encontra regularmente uma certa dose de fetichismo, sobretudo durante o período amoroso em que o fim sexual parece não ser alcançável ou se não pode satisfazer antes dum certo tempo.

Vê se ao menos
me trazes desse angélico tesoiro
uma prenda qualquer. Leva-me ao quarto
em que pernoita. Brinda-me co'um lenço
que lhe velasse o peito, co'uma liga
que lhe cingisse a curva torneada... (1)

---

(1) Citação do «Fausto» de Gœthe. Adoptámos, como era de justiça, a tradução de Castilho. (N. do T.)

Atinge-se o caso patológico a partir do momento em que a necessidade do fetiche se torna uma idéia fixa e se substitui ao fim normal, ou, ainda, quando o fetiche se separa duma pessoa determinada, e se torna, êle próprio, o objecto da sexualidade. É nessas condições gerais que se faz a passagem das simples variações do instinto sexual às aberrações patológicas.

Na escolha do fetiche, como notou Binet, em primeiro lugar, e como o confirmaram depois numerosos exemplos, manifesta-se a influência persistente duma impressão sexual sofrida, na maior parte dos casos, durante a infância. Isso faz pensar na proverbial tenacidade do primeiro amor nos entes normais (volta-se sempre ao primeiro amor). Essa origem nota-se, sobretudo, nos casos em que o objecto é de natureza puramente fetichista. Quanto à importância das impressões sexuais sofridas durante a infância, falaremos mais adiante.

Noutros casos, é uma associação de idéias de carácter simbólico, em regra geral inconsciente, que leva à substituïção do objecto pelo fetiche. Nem sempre é possível encontrar os traços do caminho seguido por estas associações de idéias (o pé é um símbolo sexual muito antigo e encontra-se já na mitologia; as peles de agasalho devem o seu interêsse como fetiches, segundo tôdas as probabilidades, a uma analogia com os

 cabelos do *mons veneris)*. Parece, no entanto, que esta forma de simbolismo não é estranha, também, às impressões sexuais sofridas durante a infância.

B — *Fixação dos fins sexuais provisórios*

FORMAÇÃO DE NOVOS FINS SEXUAIS. — Tôdas as condições, exteriores ou interiores, que parecem opor-se à realização do fim sexual normal, ou desviam dêsse fim (impotência, carestia do objecto sexual, perigos atribuídos ao acto normal), favorecem, naturalmente, a tendência à fixação nos actos preparatórios e à criação de novos fins que possam substituir os fins normais. Um estudo mais profundo mostra que êsses novos fins — por mais estranhos que pareçam — estão já indicados no processo sexual normal.

CONTACTO PRÉVIO COM O OBJECTO SEXUAL E SUA CONTEMPLAÇÃO. — O contacto prévio é, até um certo grau (pelo menos para o ser humano), necessário à realização do fim sexual normal. As sensações produzidas pelo contacto com a epiderme do objecto sexual despertam, como é sabido, o prazer, e aumentam a excitação. Dêsse modo, o facto de se fixar por um certo tempo nos contactos prévios não pode

ser tido como uma perversão, desde que o acto sexual seja continuado.

O mesmo se pode dizer das impressões visuais que, em última análise, se confundem com as impressões tácteis. É a impressão visual que desperta, geralmente, o «líbido», e é dêsse meio que se serve a selecção — se é que é permitido empregar noções teleológicas — para desenvolver qualidades de beleza no objecto sexual. O costume de esconder o corpo, que se desenvolve com a civilização, mantém a curiosidade desperta e leva o indivíduo a querer completar o objecto sexual, descobrindo as suas partes ocultas. A curiosidade pode, da mesma maneira mas num outro sentido, transformar-se no sentido da arte *(sublimação),* quando o interêsse deixa de estar concentrado ùnicamente sôbre as partes genitais, e se estende ao corpo no seu conjunto.

Até um certo ponto, a maior parte dos normais detêm-se no fim intermédio que a contemplação representa. É isso que lhes permite desviar uma parte do «líbido» para fins artísticos mais elevados. Essa necessidade de ver torna-se, porém, numa perversão: *a)* quando se limita exclusivamente às partes genitais; *b)* quando quem a tem não sente repugnância alguma (como sucede com os que sentem prazer vendo defecar); *c)* quando afasta do acto normal, em vez de o preparar. É o que se dá (se me é permitido tirar

 uma conclusão da observação dum caso úni co com os exibicionistas, que mostram as partes genitais para que lhes façam o mesmo.

Naqueles em que essa necessidade de ver se tornou uma perversão, assim como nos exibicionistas, nota-se um facto muito interessante, ao qual voltaremos mais pormenorizadamente ao tratar doutra perversão. Queremos aludir ao facto de nestes dois casos de perversão o fim sexual se manifestar sob uma dúpla forma: activa e passiva.

A fôrça que se opõe a essas perversões é o pudor, que exerce, aqui, o papel anteriormente atribuído à repugnância. Em certas ocasiões, porém, o pudor mostra-se impotente assim como a repugnância.

SADISMO E MASOQUISMO. — O desejo de fazer sofrer o objecto sexual (ou o desejo, oposto, de sofrer) é a forma de perversão mais freqüente e a mais importante de tôdas. Krafft-Ebing designou-a por *sadismo* ou *masoquismo*, conforme ela é activa ou passiva.

Outros autores preferem o têrmo mais limitado de *algofilia*, que salienta o prazer proporcionado pela dor e pela crueldade, enquanto que o têrmo empregado por Krafft-Ebing põe em destaque todo o prazer proporcionado por qualquer forma de humilhação imposta e de submissão aceite.

É fácil encontrar, na vida normal, as origens da algofilia activa ou sadismo. A sexualidade da maior parte dos homens contém elementos de *agressão,* ou seja uma tendência para querer dominar o objecto sexual, tendência que a biologia poderia explicar pela necessidade que o homem tem de empregar, para vencer a resistência do objecto, outros meios diferentes da *sedução.* O sadismo não deve ser mais, com efeito, do que um desenvolvimento excessivo do elemento de agressão, que passa a desempenhar, assim, o papel principal no instinto sexual.

O têrmo sadismo não tem um sentido muito definido na linguagem corrente: designa os casos caracterizados pela necessidade de se mostrar violento ou de ser, simplesmente, parte activa, da mesma maneira que os casos patológicos em que a satisfação está condicionada pela submissão do objecto sexual e pelos maus tratos que lhe são aplicados. No sentido estrito da palavra, estes últimos casos são os únicos que podem ser considerados como perversões.

Por seu lado, o masoquismo engloba todos os graus possíveis duma atitude passiva em face da vida sexual e do seu objecto. O seu ponto culminante é atingido, paralelamente ao sadismo, quando a satisfação depende dum sofrimento, físico ou psíquico, infligido pelo objecto sexual. O masoquismo, como perversão, parece estar mais

 afastado que o sadismo do fim sexual normal. Pode-se preguntar se êle é, alguma vez, um fenómeno primário, ou se não é sempre o resultado duma transformação do sadismo. Verifica-se, freqüentemente, que é, de facto, uma continuação do sadismo, que se volta contra o sádico e faz com que êste tome, por assim dizer, o lugar do seu objecto sexual. A análise clínica dos casos graves de perversão masoquista leva-nos a pensar que essa perversão é o resultado complexo duma série de factores que exageram e fixam uma atitude de *passividade sexual* original (complexo da castração; sentimento de culpabilidade).

A dor que se ultrapassa nestes casos é análoga à repugância e ao pudor que, nos casos anteriormente examinados, se opunham ao «líbido».

O sadismo e o masoquismo distinguem-se das outras perversões por a actividade e a passividade que constituem os seus caracteres fundamentais e opostos fazerem parte da vida sexual em geral.

A história da civilização ensina-nos que a crueldade e o instinto sexual estão intimamente ligados. Mas, para esclarecer essa ligação, não se tem feito mais do que salientar o elemento agressivo do «líbido» Certos autores chegam até a pretender que o elemento agressivo que se en-

contra no instinto sexual não é senão um resíduo de apetites canibais. Isto é o mesmo que dizer que os meios de domínio, que servem para satisfazer a outra grande necessidade, anterior a esta segundo a ontogénese, desempenham aqui um papel. Pretendeu-se, também, que todo o sofrimento contém em si uma possibilidade de prazer. Nós, limitar-nos-emos a dizer que essa interpretação não nos pode satisfazer, e que é possível que várias tendências psíquicas se juntem para contribuir para a perversão em questão.

O que acima de tudo caracteriza esta perversão é que a sua forma activa e a sua forma passiva se encontram no mesmo indivíduo. Aquele que nas relações sexuais sente prazer ao infligir uma dor, é capaz, igualmente, de gozar com a dor que pode sentir. Um sádico é sempre, ao mesmo tempo, um masochista, o que não impede que o lado activo ou o lado passivo da perversão possa predominar e caracterizar a actividade sexual que prevalece.

Verificamos, assim, que certas tendências formam, regularmente, pares de elementos antagónicos; o que nos parece ser duma grande importância sob o ponto de vista teórico, como o provarão outros casos que analisaremos mais tarde. Além disso, é evidente que a oposição sadismo-masoquismo não pode ser explicada, simplesmente, pelo elemento de agressão. Pelo

 contrário, somos tentados a aproximar esta união de elementos antagónicos da bissexualidade que une os caracteres masculino e feminino e que o psicólogo reduz a uma oposição da actividade e da passividade.

III — Generalidades sôbre as perversões

VARIAÇÃO E DOENÇA — Como se deu com a inversão, os primeiros médicos que estudaram as perversões, em casos confirmados e em condições especiais, foram levados, naturalmente, a considerá-las como sintomas de doença ou de degenerescência. A fraqueza dêsse ponto de vista é mais fácil, porém, de demonstrar aqui do que no caso da inversão. A experiência mostrou-nos que a maior parte dêsses desvios, pelo menos nos casos de menor gravidade, só raramente se não encontram na vida sexual das pessoas normais, as quais olham para êles como simples particularidades da sua vida íntima. Quando as circunstâncias são favoráveis, pode dar-se o caso de um ser normal substituir, durante um certo tempo, o fim sexual normal por uma perversão, ou dar a esta um lugar junto daquele.

 Pode-se dizer que todos os indivíduos normais têm em si um elemento do que se pode designar por perversidade, o qual se junta ao fim sexual normal. Êste simples facto bastaria para mostrar como, dar ao têrmo *perversão* um carácter de censura, se justifica mal. É precisamente no domínio sexual que se encontram maiores dificuldades e que estas parecem mais insolúveis desde o momento em que se estabelecem fronteiras nítidas entre as simples variações dentro do domínio da fisiologia normal e os sintomas mórbidos.

A qualidade do novo fim sexual, em certas perversões, exige um estudo especial. Certas perversões estão, efectivamente, tão afastadas do fim normal que não podemos deixar de as considerar *patológicas*. Especialmente aquelas que levam o instinto sexual a vencer um obstáculo (o pudor, a repugnância, o horror, a dor) e a praticar actos extraordinários (lamber excrementos ou violar cadáveres, por exemplo). No entanto, seria erróneo julgar que, mesmo nas criaturas que praticam actos dessa espécie, se encontram, regularmente, anomalias graves de outro carácter ou sintomas de doenças mentais. Verifica-se, mais uma vez, que pessoas normais sob qualquer outro aspecto, podem ser consideradas como doentes sob o ponto de vista sexual, em virtude do mais imperioso dos instintos. Em contraposição, as anomalias que se

podem notar nas outras actividades dum ser coincidem com a existência dum desvio sexual.

Na maior parte dos casos, o carácter patológico não se manifesta no conteúdo do novo fim sexual, mas nas relações dêste com a sexualidade normal. Só quando a perversão não se manifesta paralelamente à vida sexual normal (fim e objecto), conforme as condições são favoráveis a uma e desfavoráveis a outra; só quando a perversão afasta a vida normal a todos os momentos, e a substitui; só quando há *exclusivismo* e *fixação* é que nós podemos, com justiça, considerar a perversão como um sintoma mórbido.

A PARTICIPAÇÃO PSÍQUICA — È nas perversões mais repugnantes que se nota, talvez, melhor a participação psíquica na transformação da tendência sexual. Por mais horrível que seja o resultado, encontra-se sempre nêle uma parte de actividade psíquica que corresponde a uma idealização da tendência sexual. A omnipotência do amor não se manifesta nunca tão fortemente como nesses desvarios. O que há de mais elevado e o que há de mais baixo na sexualidade, mostram, em tôda a parte, as mais íntimas ligações *(Do céu — através do mundo — até ao inferno)* (1).

---

(1) Trata-se, evidentemente, duma citação literária, de que ignoramos, porêm, a procedência (N. do T.).

DOIS RESULTADOS — Ao estudar as perversões, vimos, primeiro, que o instinto sexual tem que lutar contra certos obstáculos de ordem psíquica, entre os quais se destacam o pudor e a repugnância. Podemos supor que se trata de fôrças destinadas a manter o instinto sexual nos limites do que se designa como normal. Se essas fôrças se desenvolveram antes de o instinto sexual ter adquirido todo o seu vigor, é de crer que sejam elas que traçam a trajectória do desenvolvimento do instinto.

Verificámos, em seguida, que uma parte das perversões, estudadas até aqui, só pode ser interpretada graças a uma acção conexa de numerosos factos. Essas perversões resistem à análise e são de natureza complexa. Isso leva-nos a pensar que o instinto sexual não é simples mas compõe-se de diversos elementos que se dissociam nas perversões. A observação clínica revela, também, novas *fusões*, que não se realizam no decurso uniforme da vida normal.

IV — Do instinto sexual nos neurópatas

A PSICOANÁLISE. — Podemos chegar a um maior conhecimento do instinto sexual em algumas pessoas quási normais, estudando-as com o auxílio dum método especial. Não há senão um meio de chegar a conclusões úteis sôbre o instinto sexual dos psiconeurópatas (histeria, neurose da obcessão, a vulgarmente chamada neurastenia, e certamente também, a demência precoce e a paranóia), que é submetê-los às investigações psicoanalíticas, segundo o método praticado pela primeira vez por Breuer e por mim em 1893, e a que chamámos então tratamento «catártico».

Diremos primeiro, repetindo o que dissemos noutro lugar, que estas espécies de psiconeuroses,

 tanto quanto o pude verificar, se devem ligar às fôrças sexuais. Não quero dizer com isto que a energia do instinto sexual contribua para reforçar a entidade mórbida e os seus sintomas, mas que a contribuïção sexual é a fonte de energia, a mais constante e a mais importante, da neurose. De maneira que a vida sexual dos doentes se manifesta exclusivamente, ou em grande parte, ou parcialmente, por estes sintomas neuropáticos, que não são neste caso, como já disse noutro lugar, senão a expressão da vida sexual do doente. A prova do que afirmo acenta sôbre observações psicoanalíticas, feitas sôbre histéricos e outros neurópatas, e que datam de há vinte cinco anos. Os resultados dessas observações estão consignadas em outros escritos ou devem ser ulteriormente publicados.

A psicoanálise pode fazer desaparecer os sintomas da histeria, se êles são o equivalente, por assim dizer a transposição, duma série de acontecimentos psíquicos, de desejos e de tendências, que por um certo processo *(a compressão)* (1) não puderam chegar ao seu têrmo, em actos que se integrariam na vida consciente.

---

(1) Cremos ser esta a melhor maneira de traduzir o que em francês se designa por «refoulement» e é, de resto, conhecido, internacionalmente, por êsse nome (N. do T.).

Estes complexos psíquicos, conservados no inconsciente, tendem a encontrar uma expressão que corresponderia ao seu valor afectivo, uma espécie de *descarga*. É o que se dá com o histérico, sob a forma de *conversão* em fenómenos somáticos que não são mais que os sintomas da histeria. Com o auxílio duma técnica precisa, que permite ligar estes sintomas aos complexos afectivos que, desde logo, se tornam conscientes, pode-se chegar a compreender a natureza e a origem dêstes estados mentais, que, até aí, eram ininteligíveis.

RESULTADOS DA PSICOANÁLISE. — Assim, pôde estabelecer, pela experiência, que estes sintomas são o equivalente de tendências que vão buscar a sua fôrça no próprio instinto sexual. Esta noção harmoniza-se bem com o que sabíamos dos pródromos da histeria, que tomámos por tipo de tôdas as psiconeuroses, e das causas que a provocaram. O histérico sofre duma *compressão sexual,* que ultrapassa a medida normal, dum excesso de desenvolvimento das fôrças que se opõem ao instinto sexual (pudor, repugnância, concepções morais). Recusa instintivamente preocupar-se com o problema sexual, do que resulta, em casos típicos, uma ignorância completa, que se prolonga até depois da puberdade.

As características essenciais da histeria são —

 para um observador superficial — encobertas pela presença freqüente dum segundo factor constitutivo da doença, que é o desenvolvimento excessivo do instinto sexual. Mas a análise psíquica descobre a *compressão* em todos os casos e chega assim a esclarecer o que há de contraditório e de enigmático na histeria, encontrando esta dualidade de oposição: necessidade sexual excessiva e aversão sexual exagerada.

Um indivíduo predisposto para a histeria, torna-se histérico quando, em seguida à puberdade ou por efeito de circunstâncias exteriores, as suas exigências sexuais se fazem sentir duma maneira insistente. Entre o impulso do instinto e a resistência oposta pela aversão sexual, apresenta-se a doença como uma solução, que não resolve o conflito, mas procura esquivar-se-lhe pela conversão das tendências sexuais em sintomas mórbidos. O caso dum histérico — um homem por exemplo — se tornar doente em seguida a uma emoção banal, a um conflito não provocado pelo instinto sexual, não constitui senão uma excepção aparente. A psicoanálise pode provar que foi o elemento sexual do conflito que provocou a doença, não permitindo ao processo psíquico chegar ao seu têrmo normal.

NEUROSE E PERVERSÃO. — Compreende-se que as concepções desenvolvidas aqui te-

nham encontrado adversários. Isso explica-se, em parte, pelo facto de existir uma confusão entre o instinto sexual normal e a forma de sexualidade que encontrei na origem dos sintomas psiconeuropáticos. Mas os ensinamentos da psicoanálise vão mais longe ainda: mostram-nos que os sintomas mórbidos se não desenvolvem à custa do instinto sexual normal (pelo menos exclusivamente ou duma maneira preponderante) mas representam uma conversão de instintos que deveriam ter o nome de *perversos* (em tôda a extensão da palavra) se pudessem, sem pôr de parte a consciência, encontrar uma expressão em actos imaginários ou reais. Os sintomas neuropáticos formam-se, pois, em parte, à custa da sexualidade anormal; *a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão.*

O instinto sexual do neurópata conhece todos os desvios que estudámos como variações duma vida sexual normal e manifestações duma vida sexual mórbida.

A) No inconsciente de todos os neurópatas (sem excepção) se encontram veleidades de inversão, ou seja tendência a fixar o «líbido» sôbre uma pessoa do mesmo sexo. Sem uma análise penetrante, é impossível compreender a importância que êste factor tomará na formação da neurose. Tudo quanto posso dizer aqui, é que existe sempre uma tendência inconsciente para a in-

 versão, que dá muitas vezes a chave de muitos casos de histeria, especialmente no homem.

B) Encontra-se no inconsciente de todos os psiconeurópatas uma tendência para as transgressões anatómicas, que se traduz em sintomas mórbidos; e entre essas transgressões, com uma intensidade particular, aquela que dá às mucosas anal e bucal um valor de zona genital.

C) Entre as causas dos sintomas psiconeuropáticos, é preciso atribuir um papel importante às tendências parciais que formam, geralmente, pares antagónicos e que nós conhecemos já como podendo constituir novos fins, tais como o desejo de ver e de mostrar nos «voyeurs» (1) e nos exibicionistas, e o instinto de crueldade nas suas formas activa e passiva. Não se pode compreender o lado de sofrimento dos sintomas mórbidos, se nos não compenetrarmos da importância do instinto de crueldade que, quási sempre, determina uma parte da atitude social do doente. É êste elemento de crueldade no «líbido», que causa as transformações de ódio em amor, de emoções ternas em movimentos hostis, que se encontram na sintomatologia dum grande número de neuro-

---

(1) Não vemos maneira de traduzir, sem ser por uma perífrase, como fizemos antes, isto que a palavra francesa exprime tão bem (N. do T.).

ses, e formam, quási por completo, a sintomatologia da paranóia.

O interêsse dêstes resultados é ainda maior, se encararmos certos aspectos da questão.

a) Quando existe no inconsciente uma tendência parcial ligada à tendência parcial contrária, esta última também actua. Tôda a perverão activa será acompanhada, pois, da perversão passiva. Aquele que, no seu inconsciente, é exibicionista, será ao mesmo tempo um «voyeur»; aquele que sofre as conseqüências duma *compressão* de tendências sádicas, mostrará uma disposição para os sintomas mórbidos que derivam das tendências masoquistas. A presença simultânea de pares antagónicos nas neuroses e seu paralelismo com as perversões *positivas* correspondentes, é, certamente, um facto muito interessante. Todavia, no quadro clínico da doença, uma ou outra das tendências opostas terá a primazia.

b) Nos casos mais definidos de psíconeuroses, encontra-se raramente uma só destas tendências perversas, mas muitas quási sempre e, geralmente, características de tôdas. Cada tendência particular tem, no entanto, uma intensidade de desenvolvimento independente. E, por esta razão ainda, o estudo das perversões positivas dá-nos exactamente a contra-partida das neuroses.

Se resumirmos os resultados das nossas investigações sôbre a perversão positiva e negativa, veremos que elas se podem ligar a um grupo de de tendências parciais. Essas tendências não são primárias e podem ser decompostas pela análise. Designemos por *tendência* o equivalente psíquico duma fonte contínua de movimentos provindos do interior do organismo, que nós diferenciamos da *excitação* produzida por agentes exteriores e limitados. A tendência reside, pois, no limite dos domínios psíquico e físico.

A concepção mais simples e que parece impor-se em primeiro lugar é aquela segundo a qual as tendências não possuem qualquer qualidade própria e existem, simplesmente, como medida de certas reacções psíquicas. O que distingue as tendências umas das outras e lhes imprime um carácter específico são as ligações que existem, por um lado, entre elas e as suas origens somáticas e, por outro lado, entre as mesmas tendências e o seu fim. A origem da tendência é a excitação dum órgão, e o seu fim imediato consiste na acalmação dessa excitação orgânica.

Outra noção provisória, tirada do estudo das tendências, e que não devemos desprezar, consiste em dizer que as excitações somáticas são de duas espécies, que se diferenciam segundo a

sua natureza química. Designaremos uma dessas excitações como especificamente sexual, e o órgão correspondente como a *zona erotogénea* de onde provém a tendência sexual parcial.

Quando a tendência perversa se dirige à cavidade bucal e ao orifício anal, o papel da zona erotogénea é evidente. Nesses casos, a zona erotogénea funciona, sob todos os pontos de vista, como uma parte do aparelho genital. Nos casos de histeria, essas partes do corpo e as correspondentes mucosas tornam-se a sede de sensações novas, de modificações das terminações nervosas — pode-se mesmo dizer de processos comparáveis ao da erecção —, de tal maneira que funcionam como as partes genitais pròpriamente ditas, quando normalmente excitadas.

A importância das zonas erotogéneas como aparelho genital secundário, usurpando as funções do próprio aparelho genital, é mais evidente na histeria do que em tôdas as outras psiconeuroses. Isso não quere, no entanto, dizer que o papel dessas zonas seja para desprezar nos outros casos patológicos. Êsse papel é, simplesmente, mais difícil de discernir ali, porque a sintomatologia dêsses casos (neurose da obcessão, paranóia) depende das partes do aparelho psíquico mais distantes dos centros que regem as funções corporais.

Nas neuroses da obcessão nota-se, sobretudo,

 a importância dos movimentos que conduzem à criação dos novos fins sexuais e que parecem independentes das zonas erotogéneas. Nos casos de exibicionismo, o papel de zona erotogénea é desempenhado pelo órgão visual. Quando a dor e a crueldade entram em jôgo, êsse papel é desempenhado pela epiderme. Esta, que em certas partes do corpo se diferencia em órgãos sensoriais e se transforma em mucosa, torna-se assim, também, zona erotogénea.

Explicação do aparente predomínio das perversões sexuais nos psiconeurópatas

O que precede pode ter falseado a visão da sexualidade do psicópata, levando a crer que, nas suas relações sexuais, se aproxima do perverso e se afasta do ser normal. Pode-se perfeitamente admitir que a disposição constitucional dessa espécie de doentes, além de importantes *compressões* sexuais e de não menos importantes necessidades sexuais, contenha uma tendência especial para a perversão no sentido mais largo da palavra. No entanto, o estudo dos casos menos graves demonstra que esta última hipótese nem sempre se dá, ou, pelo menos, que, para apreciar os efeitos mórbidos, é preciso abstrair dêsse factor. Na maior parte dos psiconeurópatas, o estado patológico não se manifesta senão

depois da puberdade, no momento das exigências duma vida sexual normal. A esta, opõe-se, antes de mais nada, a *compressão* e, mais tarde, a doença, quando o «líbido» não encontra a sua satisfação normal. Nos dois casos, o «líbido» é sustado no seu curso, como um rio é desviado do seu leito, e dirige-se para vias colaterais que, até aí, não tinham tido utilização. Desta maneira, a tendência para a perversão (evidentemente negativa), tão marcada, aparentemente, nos psiconeurópatas, poderia formar-se por vias colaterais, ou, pelo menos, ser reforçada dêsse modo. À *compressão* sexual, como factor da vida interior, juntam-se factores exteriores, tais como a limitação da liberdade, a impossibilidade de alcançar um objecto sexual normal, a percepção dos perigos inerentes ao acto sexual, etc. É o que determina o aparecimento de perversões em indivíduos que, sem isso, ficariam, talvez, normais.

Sob êsse aspecto, pode haver diversidade nos diferentes casos de neurose. Por vezes, será o nível inicial da disposição perversa que caracterisará a neurose. Outras vezes, essa neurose será caracterizada pelo nível atingido em conseqüencia duma *compressão* colateral do «líbido». Seria um êrro ver oposição onde existe uma acção conexa. A neurose atinge o seu máximo, quando a constituïção e as impressões sofridas actuam

 no mesmo sentido. Uma constituïção suficientemente determinada no sentido da neurose pode prescindir do apoio fornecido pelas experiências Por outro lado, uma perturbação profunda da vida pode inclinar para a neurose um ser de constituïção vulgar. Isto aplica-se, igualmente, de resto, ao valor etiológico do elemento congénito e do elemento adquirido noutros domínios.

Se se preferir supor que uma tendência particular para as perversões forma uma das características do temperamento neuropático, ser-se-á levado a considerar a possibilidade duma variedade de constituïções dêsse género, segundo prevaleça certa zona erotogénea ou predomine determinado instinto parcial. Não se pode dizer se existe uma ligação particular entre certa disposição perversa e determinada forma mórbida. Êste ponto, como muitos outros neste domínio, ainda não foi estudado.

Carácter infantil da sexualidade nos neurópatas

O número daqueles a que podemos chamar perversos aumentou consideràvelmente, devido ao facto de podermos verificar, na sintomatologia dos psicópatas, a presença de tendências perversas. Se os neurópatas representam uma categoria numerosa de indivíduos, as neuroses

formam, nas suas diversas manifestações, uma cadeia ininterrupta, que vai da doença ao equilíbrio da saúde. Mœbius tem razão em dizer: todos nós somos um pouco histéricos. Perante esta freqüência da perversão, somos levados a admitir que a disposição para a perversidade não é uma coisa rara e excepcional, mas, sim, uma parte integrante da constituïção normal.

Discutiu-se sôbre se a perversão era congénita ou se, como Binet admite para o fetichismo, ela tinha orígem em impressões recebidas. Estamos autorizados a dizer, presentemente, que, em tôdas as perversões, há, com efeito, um factor congénito, mas que êsse factor se encontra em todos os homens, que pode, como disposição, variar na sua intensidade, e que, para se manifestar, necessita de impressões vindas do exterior. Trata-se aqui de disposições innatas, inerentes à constituïção, que, numa série de casos, se tornam factores determinantes da sexualidade (nos perversos) e que, noutros casos, tendo sido reprimidas imperfeitamente *(compressão)*, podem, tornando-se sintomas mórbidos, tomar conta, por uma via indirecta, duma parte importante da energia sexual. Nos casos felizes, entre os dois extremos, estabelecer-se-á, por uma repressão efectiva e em conseqüência de outras modificações sofridas pelas disposições, o que nós chamamos uma vida sexual normal.

Acrescentaremos que a constituïção, contendo em germe tôdas as perversões, não pode ser encontrada senão na criança, se bem que a criança apresente essas tendências com uma fraca intensidade. Se somos, assim, levados a pensar que os neurópatas são pessoas que ficaram no estado infantil da sexualidade ou que recaíram nesse estado, parece que o nosso interêsse deve incidir sôbre a vida sexual da criança. Tentaremos destrinçar as influências que determinam a evolução da sexualidade infantil até à sua conclusão, quer seja a neurose, quer seja, enfim, a vida sexual normal.

A sexualidade infantil

Pensa-se, geralmente, que o instinto sexual não existe na criança, e não desperta senão no período da puberdade. Isso é um êrro cheio de conseqüências, porque lhe devemos a nossa ignorância das condições fundamentais da vida sexual. Se aprofundássemos as manifestações sexuais da criança, descobriríamos os traços essenciais do instinto sexual, compreenderíamos a evolução dêste instinto e veríamos como êle se serve de diversas fontes.

OMISSÃO DA CRIANÇA NO ESTUDO DA SEXUALIDADE. — E de notar que os autores, que se dedicaram ao estudo das particularidades e das reacções do adulto, ligaram uma importância considerável a esta prehistória: os antecedentes hereditários, enquanto que descuravam esta outra prehistória que se encontra na existência de cada um: a infância. No entanto, parece que as influências desta época da vida são mais fáceis de verificar, devendo fazer-se com que prevaleçam sôbre os antecedentes hereditá-

 rios. E verdade que na literatura se encontram algumas observações relativas aos actos de sexualidade prematura nas crianças: erecções, masturbações e, mesmo, simulacros de coito — mas sempre citadas como excepcionais, extraordinárias, exemplos repugnantes de depravação precoce. Nenhum autor, que eu saiba, se apercebeu que o instinto sexual na criança possui as suas leis; e nos trabalhos sôbre o desenvolvimento da criança, que se têm multiplicado nestes últimos tempos, não se encontra um capítulo que trate do desenvolvimento sexual infantil.

AMNESIA INFANTIL. — A razão desta extraordinária lacuna consiste, em parte, nas reservas convencionais observadas pelos autores, por causa da sua educação, e, em parte, num fenómeno de ordem psíquica que até aqui não pôde ser explicado. Aludo a êste curioso fenómeno de *amnésia* que, para a maior parte dos indivíduos, se não para todos, cobre com um espesso véu os seis ou oito primeiros anos da sua vida. Até agora aceitámos esta amnésia como um facto natural, sem nos admirarmos, quando o caso seria para isso. Com efeito, nestes anos que não deixaram na nossa memória senão vagas e incompreensíveis recordações, teríamos, pelo que nos dizem, reagido com vivacidade ante as impressões do mundo exterior,

manifestado dor ou alegria, como os outros homens, mostrado amor, ciúme e outras paixões que nos agitavam então vivamente; citam-se mesmo certas frases nossas que os adultos fixaram como prova da nossa inteligência e do nosso discernimento. Ora tudo isso nos escapa logo que somos adultos. ¿Como se concebe, pois, que a nossa memória se deixe ultrapassar a êsse ponto pelas funções psíquicas? Teríamos, no entanto, razões para acreditar que em nenhum outro período da vida a memória seria mais apta a registar e reproduzir qualquer impressão.

Por outro lado, devemos admitir, ou deduzir, de observações psicológicas feitas sôbre os outros, que estas mesmas impressões caídas no esquecimento não deixaram traços menos profundos na nossa alma e que foram decisivas para a nossa evolução ulterior. Não se trata, pois, dum verdadeiro desaparecimento das impressões de infância, mas duma amnésia idêntica à que, nos neurópatas, apagou a recordação de acontecimentos passados numa idade mais avançada e que é caracterizada pela recusa em registar na consciência certas impressões *(compressão)*. Restaria saber quais são as fôrças que trazem a *compressão* das impressões infantis. Aquele que tivesse encontrado uma resposta para esta pregunta, teria, com ela, explicado a amnésia histérica.

No entanto, é para notar que a amnésia infantil permite fazer uma nova ligação entre o estado de alma da ciança e o do psiconeurópata. Podemos já verificar a existência duma analogia entre êles, quando estabelecemos que a sexualidade do psiconeurópata conservou os caracteres infantis, ou pelo menos readquiriu êsses caracteres. ¿Não poderíamos ser levados a pensar que a própria amnésia infantil não deixa de ter ligações com a sexualidade da criança?

De qualquer maneira, o facto de se querer ligar a amnésia infantil à amnésia histérica, não é uma simples fantasia. Esta última, que contribui para a *compressão,* só se explica pelo facto de o indivíduo possuir um conjunto de vestígios deixados pela recordação, de que a consciência não pode dispor, e que, por um processo de associação, se tornam centros de atracção para os elementos repelidos e comprimidos pelas fôrças dimanadas da consciência. Pode-se dizer que, sem amnésia infantil, não haveria amnésia histérica.

E a amnésia infantil que, fazendo da nossa infância uma espécie de *prehistória* e ocultando de nós o comêço da vida sexual, faz com que não dêmos importância ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual em geral. Não é possível a um único observador preencher esta lacuna. Desde 1896 que noto a importância dos

primeiros anos da vida na produção de certos fenómenos essenciais dependentes da vida sexual, não tendo deixado de chamar a atenção para êsse facto.

O período de sexualidade latente durante a infância e as suas interrupções

Quando nos inteiramos da freqüência dos movimentos sexuais ditos anormais e excepcionais na criança, assim como do descobrimento das recordações de infância até aqui inconscientes nos neurópatas, pode-se fixar a atitude sexual da criança da seguinte maneira:

Parece averiguado que a criança traz, ao nascer, germes de movimentos sexuais que, durante um certo tempo, evoluem, sofrendo depois uma regressão progressiva, interrompida, por sua vez, por impulsos regulares de desenvolvimento, ou detida em conseqüência das particularidades do indivíduo. Nada se pode dizer com segurança sôbre a regularidade e a periodicidade das oscilações dêsse desenvolvimento, mas parece evidente que a vida sexual da criança, no terceiro e quarto ano, se manifesta já sob uma forma que a torna acessível à observação.

OS DIQUES DA SEXUALIDADE. — É durante o período da sexualidade latente, total ou

 parcial, que se constituem as fôrças psíquicas que, mais tarde, se oporão às tendências sexuais e, como verdadeiros diques, limitarão os seus cursos (repugnância, pudor, aspirações morais e estéticas). Em face da criança nascida numa sociedade civilizada, tem-se a impressão de que êsses diques são o produto da educação. A educação contribui, certamente, para isso, mas, na realidade, essa evolução, condicionada pelo organismo e fixada pela hereditariedade, pode dar-se, por vezes, sem intervenção alguma. A educação tem que se limitar a reconhecer os traços do que está orgânicamente preformado, aprofundando-o e depurando-o.

REACÇÕES E SUBLIMAÇÃO. — ¿ De que maneira se constituem essas fôrças capazes de se oporem às tendências sexuais e determinantes da direcção que tomará o desenvolvimento do indivíduo? Segundo tôdas as probabilidades, constituem-se à custa dos movimentos sexuais da criança, que continuaram a existir durante o período de sexualidade latente, mas que, na sua totalidade ou em parte, foram desviados do seu uso e aplicados a outros fins. Os sociólogos concordam todos em que o processo que desvia as fôrças sexuais do seu objectivo e as faz servir outros fins — processo a que se deu o nome de sublimação — constitui um dos factores mais

importantes para as conquistas da civilização. Acrescentaremos que o mesmo processo desempenha um papel no desenvolvimento individual e que as suas origens datam do período de sexualidade latente na criança.

Pode-se emitir uma hipótese sôbre a natureza do mecanismo da sublimação: A sexualidade, durante êsses anos de infância, não teria aplicação — não existindo ainda as funções da geração —, o que é, de facto, o carácter essencial do período de sexualidade latente. Por outro lado, a sexualidade seria perversa em si, quere dizer, partindo de zonas erotogéneas e implicando tendências que, em função do desenvolvimento ulterior do indivíduo, não poderão produzir senão sentimentos de repugnância. Essas excitações sexuais provocadas fariam, assim, entrar em jôgo fôrças contrárias ou reacções que, para poder lutar eficazmente contra essas sensações desagradáveis, ergueriam os diques psíquicos nossos conhecidos (repugnância, pudor, moral).

INTERRUPÇÃO DO PERÍODO DE SEXUALIDADE LATENTE. — Sem nos querermos iludir sôbre a natureza hipotética das nossas observações relativas ao período de sexualidade latente, diremos que a transformação da sexualidade infantil, tal como a descrevemos acima, constitui um dos fins da educação, que o indiví-

 duo não atinge senão imperfeitamente e de que se afasta bastante com freqüência. Acontece, às vezes, que um fragmento da vida sexual, não atingido pela sublimação, faz erupção. Acontece, ainda, subsistir uma actividade sexual durante todo o período de sexualidade latente, até o desabrochar do instinto sexual com a puberdade.

Os educadores, quando prestam alguma atenção à sexualidade infantil, procedem como se partilhassem as nossas opiniões sôbre a formação, à custa da sexualidade, das fôrças morais defensivas, e como se já soubessem, além disso, que a actividade sexual torna a criança ineducável. Efectivamente, e sem grande eficácia, de resto, os educadores perseguem como *vícios* tôdas as manifestações sexuais da criança. Temos tôda a razão em nos interessar por êste fenómeno que a educação receia, porque êle nos esclarece sôbre o comêço do instinto sexual.

Manifestações da sexualidade na criança

Por motivos de que adiante falaremos, tomamos a sucção (excelentemente estudada pelo pediatra húngaro Lindner) como tipo das manifestações sexuais da infância.

A SUCÇÃO. — A sucção, que existe já na criança de mama, que se pode manter até à idade

adulta e mesmo, às vezes, durante tôda a vida, é
constituída por um movimento rítmico e repetido dos lábios que não tem por fim a absorção de qualquer alimento. Uma parte dos lábios, a língua, uma região da pele, por vezes, mesmo, o dedo grande do pé, tornam-se objectos de sucção. Ao mesmo tempo, surge outro instinto: o de agarrar e puxar, duma maneira rítmica, o lóbulo da orelha. A criança procura, igualmente, nas outras pessoas, uma parte do corpo que possa agarrar (geralmente, também, o lóbulo da orelha). A sucção acompanhada de prazer absorve tôda a atenção da criança e acaba por adormecê-la, podendo, mesmo, provocar reacções motoras e uma espécie de orgasmo. O repetido contacto das mãos com as partes genitais externas acompanha, muitas vezes, a sucção. As crianças passam, assim, freqüentemente, da sucção à masturbação.

O próprio Lindner reconheceu claramente a natureza sexual do acto da sucção. As mães consideram, muitas vezes, a sucção como um mau hábito da criança. Numerosos pediatras e neurólogos formularam sérias objecções contra essa concepção, que assenta, em parte, sôbre a confusão entre o *sexual* e o *genital*. Esta contradição faz surgir uma questão difícil e inelutável: a de saber quais são os caracteres pelos quais se pode reconhecer a manifestação sexual na

 criança. O encadeamento dos fenómenos esclarecidos pela psicoanálise permite-nos dizer que a sucção é um acto sexual, e consente que estudemos nela a forma principal da sexualidade infantil.

O AUTO-EROTISMO. — O exemplo que acabamos de dar deve merecer-nos uma especial atenção. O que nos parece constituir o carácter mais evidente desta actividade sexual é o facto de ela se não dirigir para outra pessoa. A criança satisfaz-se com o seu próprio corpo; a sua atitude é auto-erótica, para empregar um termo de Havelock Ellis.

A criança parece que, quando chupa, procura neste acto um prazer já experimentado e que nessa ocasião lhe vem à memória. Chupando de maneira rítmica uma parte de epiderme ou de mucosa, a criança satisfaz-se. É fácil perceber em que circunstâncias a criança experimentou pela primeira vez êsse prazer que procura renovar. O que lhe ensinou êsse prazer foi a actividade inicial e essencial à vida da criança: a sucção do seio materno ou do que o substitui. Podemos dizer que os lábios da criança desempenharam um papel de zona erotogénea e que a excitação causada pelo afluxo de sangue quente provocou nela o prazer. No comêço, a satisfação da zona erotogénea estava estreitamente ligada à

satisfação da fome. A actividade sexual apoiou-se primeiro numa função que tem por fim conservar a vida, só mais tarde se tornando independente. Quando se vê a criança, satisfeita, abandonar o seio, recair nos braços da mãe e adormecer com as faces rosadas e um sorriso feliz, não se pode deixar de dizer que esta imagem é o modêlo e a expressão da satisfação sexual que ela conhecerá mais tarde.

Mas, dentro em pouco, a necessidade de encontrar de novo a satisfação sexual separar-se-á da necessidade de nutrição. Essa separação tornar-se-á inevitável a partir do período da dentição, quando o alimento deixa de ser simplesmente sugado e passa a ser mastigado. A criança deixa de se utilizar, para a sucção, dum objecto estranho ao seu corpo e prefere uma parte, mais acessível, da sua própria epiderme, porque se torna assim independente do mundo exterior que não pode ainda dominar, e, também, porque, desta maneira, cria uma segunda zona erotogénea, menos importante, no entanto, do que a primeira. A insuficiência desta segunda zona é uma das razões que levam a criança a procurar nos lábios de outra pessoa um objecto de valor equivalente. «Infelizmente não me posso beijar!» — eis o que ela parece dizer.

Nem tôdas as crianças chucham. É de supor que a sucção seja peculiar às crianças em que a

 sensibilidade erotogénea da zona labial tem um grande desenvolvimento congénito. Se esta sensibilidade persistir, a criança será, mais tarde, um amador de beijos, procurará os beijos perversos e, feito homem, terá a predisposição para ser bebedor e fumador. Mas, se houver *compressão*, terá repugnância pelos alimentos e estará sujeito a vómitos histéricos. Em virtude da utilização comum da zona buco-labial, a compressão exercer-se-á sôbre o apetite. Muitas das mulheres que tratei e que apresentavam perturbações anoréxicas, a bola histérica, o sentimento de constrição da garganta, o vómito cerebral, tinham-se entregado apaixonadamente à sucção durante a infância.

A sucção fêz-nos conhecer os três caracteres essenciais da sexualidade infantil, a qual se desenvolve *apoiando-se* numa função fisiológica essencial à vida; não tem ainda objecto sexual; é *auto-erótica* e o seu fim é determinado pela actividade duma zona erotogénea. Antecipando-nos, diremos que êsses caracteres se encontram novamente na maior parte das manifestações eróticas da criança.

O fim sexual da sexualidade infantil

CARACTERES DAS ZONAS EROTOGENEAS. — O exemplo da sucção pode ensinar-nos

muitas coisas sôbre o carácter duma zona erotogénea. Uma zona erotogénea é uma região da epiderme ou da mucosa que, excitada de certa maneira, produz uma sensação de prazer duma qualidade especial. A excitação que produz o prazer está, sem dúvida, ligada a certas condições que não conhecemos. O carácter rítmico desempenha, certamente, um papel entre essas condições. Por outro lado, é evidente uma certa analogia entre essa excitação e as cócegas. E mais duvidoso que o carácter de prazer despertado por esta excitação seja *específico* e que nesta especialidade resida o que caracteriza a sexualidade. Sôbre a questão do prazer e da dor, a psicologia tateia ainda na obscuridade, de modo que nos devemos contentar com as explicações mais prudentes. Mais tarde encontraremos, talvez, razões que nos permitam defender o carácter específico da sensação do prazer.

A propriedade erotogénea parece ligar-se particularmente a certas partes do corpo. Há zonas erotogéneas de eleição, como no-lo mostrou o exemplo da sucção; mas êste mesmo exemplo ensina-nos que qualquer região da epiderme ou da mucosa pode servir de zona erotogénea e deve, por conseguinte, possuir certos caracteres que a tornem apta para êsse uso. O que importa à sensação de prazer é o modo de excitação, mais do que a qualidade da região do corpo excitada. A criança

 que chucha para satisfazer o seu desejo, procura e escolhe no seu corpo um lugar qualquer que, pela fôrça do hábito, se torna o preferido. Quando o acaso a faz encontrar uma região especialmente apropriada (mamilo, partes genitais), esta conservará a primazia. Na sintomatologia da histeria encontram-se deslocações análogas. Nesse caso, a *compressão* atinge, sobretudo, as zonas genitais, que transferem a sua excitabilidade para outras regiões erotogéneas, geralmente um pouco decaídas na vida do adulto e que daí em diante funcionam como órgãos genitais. De resto, tal como acontece com a sucção, qualquer parte do corpo pode adquirir a excitabilidade do aparelho genital e elevar-se até à categoria de zona erotogénea. As zonas erotogéneas e as zonas histerogéneas têm caracteres idênticos.

DO FIM DA SEXUALIDADE INFANTIL. — O fim sexual do instinto da criança consiste na satisfação obtida pela excitação apropriada de tal ou tal zona erotogénea. É preciso que a criança tenha experimentado antes a satisfação para desejar repeti-la. Somos levados a admitir que a natureza procedeu de maneira a não deixar entregue ao acaso o conhecimento duma tal satisfação. No que diz respeito à região buco-labial, conhecemos os meios de que a natureza se serve para atingir os seus fins: esta parte do corpo

serve ao mesmo tempo para receber os alimentos. Encontraremos outros dispositivos que dirigirão a actividade sexual. O estado de necessidade que exige a repetição da satisfação revela-se de duas maneiras: em primeiro lugar por um sentimento particular de tensão que tem qualquer coisa de doloroso; em seguida por uma excitação de origem central, um prurido projectado na zona erotogénea periférica. Pode, portanto, dizer-se que o fim da sexualidade é substituir a sensação existente na zona erotogénea por uma excitação exterior que apazigúe e crie um sentimento de satisfação. Esta excitação exterior consiste, na maior parte dos casos, num contacto manual análogo à sucção.

O facto desta necessidade poder ser também despertada na periferia por uma modificação da zona erotogénea, está perfeitamente de acôrdo com os nossos conhecimentos fisiológicos. É, simplesmente, um pouco extraordinário que uma excitação, para se acalmar, tenha que recorrer a outra excitação aplicada ao mesmo lugar.

Das manifestações sexuais da masturbação

Verificamos, com satisfação, que bastou conhecer a actividade do instituto sexual numa das zonas erotogéneas para ficar sabendo o essencial da

 actividade sexual. As diferenças que encontraremos relacionam-se com as maneiras de conseguir a satisfação: sucção pela zona buco-labial, acção muscular dum género diferente nas outras zonas erotogéneas, de acôrdo com a sua topografia e as suas propriedades.

DA ACTIVIDADE DA ZONA ANAL. — A situação anatómica da zona anal torna-a própria a fazer apoiar uma actividade sexual sôbre uma função fisiológica, tal como acontece com a zona buco-labial. E de supor que o valor erotogéneo daquela zona tenha sido considerável na origem. Graças à psicoanálise, sabemos, não sem surprêsa, das transformações que sofrem, normalmente, as excitações sexuais geradas nesta zona. Ficamos sabendo, também, como é freqüente aquela região conservar, durante tôda a vida do indivíduo, um certo grau de excitabilidade genital. As perturbações intestinais, tão freqüentes na criança, mantêm um estado de intensa excitabilidade na mesma região. O catarro intestinal da primeira infância torna a criança *nervosa,* como se costuma dizer. Mais tarde, certas perturbações mórbidas de origem neuropática utilizam, na sua sintomatologia, tôda a escala das perturbações digestivas. Quando se tem em consideração o carácter erotogéneo da zona anal — carácter que conservou, pelo menos com mo-

dificações — verifica-se que é um êrro rir do valor atribuído às hemorróidas na génese de certos estados neuropáticos — valor ao qual a antiga medicina ligava tanta importância.

As crianças, que utilizam a excitabilidade erotogénea da zona anal, traem-se porque retêm as matérias fecais. As crianças fazem isso para que a acumulação dessas matérias produza contracções musculares violentas, e para que, passando pelo esfíncter anal, essas matérias provoquem uma viva excitação na mucosa. E de crer que a uma sensação dolorosa se junte um sentimento de volúpia. Quando a criança, sentada no vaso, se recusa a evacuar e, desobedecendo à mãe, pretende fazê-lo só quando lhe apetece, pode-se dizer que estamos em face dum dos melhores indícios duma futura anormalidade de carácter ou de nervos. Á criança é indiferente sujar a roupa; o que lhe importa é não deixar escapar o prazer que tira da defecação. O educador não se engana quando vê com maus olhos as crianças que *se retêm.*

O conteúdo intestinal desempenha, para uma mucosa dotada de sensibilidade sexual, o papel de corpo excitante, precedendo, de certa maneira, um órgão essencial que não entrará em funções senão depois da infância. Mas o referido conteúdo exerce, ainda, outras atribuïções importantes. A criança considera-o, evidentemente,

 primeiro, como uma parte do corpo, de que se serve para provar, conforme lhe apraz, a sua obediência ou a sua teimosia. Em seguida, êsse conteúdo adquire a significação dum *filho*, que, segundo a concepção infantil, se gera comendo e sai pelo intestino.

A retenção das matérias fecais que, no comêço, corresponde à intenção de usar dela como excitante onanístico da zona anal ou de a empregar para demonstrar a independência de vontade, é, de resto, uma das origens da prisão de ventre tão comum nos neurópatas. O que demonstra a importância da zona anal é que são raros os neurópatas que não têm hábitos escatológicos especiais, verdadeiras cerimónias que êles ocultam cuidadosamente.

A excitação onanística da zona anal com o auxílio do dedo, provocado por um prurido de origem central ou de origem periférica, não é rara na segunda infancia.

DA ACTIVIDADE DAS ZONAS GENITAIS. — Entre as zonas erotogéneas da criança há uma que não tem, certamente, a primazia e não pode ser o ponto de partida dos movimentos sexuais, mas que está destinada a desempenhar, mais tarde, o papel principal. A zona a que nos referimos está em relação com a micção, tanto no rapaz como na rapariga (glândulas, clitóris). No

rapaz, está, além disso, dentro dum saco mucoso, de maneira que as excitações não podem deixar de se dar, produzidas pelas secreções prematuramente determinadas por movimentos sexuais. A actividade sexual desta zona erotogénea que forma o aparelho genital, constitui o início do que será, mais tarde, a vida sexual normal.

Dadas a topografia anatómica desta região, o corrimento das secreções, os cuidados com o corpo (lavagens e fricções) e, enfim, certas excitações devidas ao acaso (tais como, na rapariga, a emigração dos parasitas intestinais), é impossível que a sensação de prazer, que esta parte do corpo é capaz de proporcionar, não se faça sentir já na criança da mais tenra idade e não desperte nela o desejo de a repetir. Se se considerar o conjunto dos hábitos que presidem aos cuidados que se têm com a criança, e se quiser atender a que os cuidados de limpeza não podem ter outros efeitos senão os produzidos pela sujidade e pela negligência, chega-se à conclusão de que o onanismo da criança de mama, — onanismo a que não foge quási ser algum — prepara o primado futuro da zona erotogénea genital. Os actos que fazem cessar a excitação e trazem a satisfação consistem, quer em fricções feitas pela mão, quer numa pressão exercida por um movimento de junção das coxas (movimento preparado por actos reflexos). Êste ultimo gesto é freqüente, so-

 bretudo, nas raparigas. Os rapazes preferem a mão, o que faz prever a importância que terá, na actividade sexual do macho, a necessidade da posse e do domínio.

Para maior clareza, distinguiremos três fases na masturbação infantil: A primeira dessas fases corresponde ao período de aleitamento. A segunda fase corresponde ao curto período de desabrochamento da actividade sexual, aí por volta dos quatro anos. Só a terceira corresponde ao onanismo da puberdade. Só ela prendeu, até hoje, as atenções dos observadores.

SEGUNDA FASE DA MASTURBAÇÃO INFANTIL. — O onanismo do lactante parece desaparecer depois dum curto período. Quando êle se mantém até à puberdade, assistimos ao primeiro desvio importante do que deve ser o desenvolvimento do homem civilizado. Num dado momento, depois do período de aleitamento (geralmente depois dos quatro anos), o instinto sexual da zona genital parece reacordar e durar algum tempo, até sofrer uma nova regressão. Isto no caso de não continuar sem interrupção.

Os diferentes casos que se podem dar são muito numerosos, e, para os explicar, seria preciso analisar cada um dêles em especial. Há um facto comum, porém, a tôdas as impressões sofridas durante êste segundo período de activi-

dade sexual. Referimo-nos ao facto de tôdas elas deixarem na memória traços profundos (inconscientes) que determinam o carácter do indivíduo, se se trata duma criatura sã, e a sintomatologia neuropática, se se trata dum futuro doente. Neste segundo caso, verifica-se que o período sexual caíu no esquecimento, e que as recordações que podiam servir de testemunnhas dêsse período foram transferidas. Já disse que vejo uma ligação entre a amnésia infantil normal e a actividade sexual dessa idade. Graças à psicoanálise, pode-se chegar a tornar consciente o que estava esquecido, e a suprimir, assim, uma obcessão proveniente dos resíduos existentes no inconsciente.

REGRESSO DA MASTURBAÇÃO DO LACTANTE. — A excitação sexual do período de aleitamento volta durante o segundo período da infância sob a forma dum prurido de origem central. Êste prurído faz com que a criança procure satisfazer-se no onanismo ou numa espécie de polução que, como a do adulto, trará uma satisfação sem que intervenha uma manipulação. Estas secreções são freqüentes nas raparigas, durante o segundo período da infância, mas não sabemos bem em que condições elas se dão. Parece que, geralmente, se não sempre, elas são precedidas dum período de onanismo activo. A

 sintomatologia desta manifestação sexual é pobre; o órgão genital é ainda rudimentar, exercendo o aparelho urinário as funções de tutor. A maior parte das doenças da bexiga, durante êste período, são perturbações de origem sexual; a enurese nocturna corresponde a uma polução, sempre que não seja devida à epilépsia.

O renôvo da actividade sexual está submetido a influências determinadas, endogéneas e exogéneas. A sintomatologia das neuroses e as investigações psicoanalíticas ajudam-nos a encontrar as causas e a determiná-las de maneira segura. Falaremos mais tarde das causas interiores. Quanto às causas exteriores, elas adquirem, neste momento, um grande valor e uma importância duradoira. A principal influência exterior é exercida pelo sedutor, que faz da criança um objecto sexual prematuro, ensinando-lhe a conhecer, em condições impressionantes, a satisfação da zona genital; a criança será levada, geralmente, a renovar essas impressões pela prática do onanismo. Trata-se, nesses casos, de adultos ou, ainda, de camaradas. Creio não ter exagerado, no meu tratado publicado em 1896 «Sôbre a Etiologia da Histeria», a freqüência ou a importância dêsses casos de sedução. Ignorava, porém, nesse tempo, que certos indivíduos normais sofrem, durante a infância, as mesmas impressões, e, em conseqüência disso, ligava maior importân-

cia à sedução que aos factores da constituïção e do desenvolvimento sexuais. É escusado dizer que a intervenção dum sedutor não é necessária ao despertar da sexualidade na criança, e que êsse despertar se pode dar espontâneamente, sob a influência de causas internas.

DA DISPOSIÇÃO POLIMORFA PERVERSA. — É interessante verificar que a criança, em conseqüência duma sedução, pode manifestar uma perversidade polimorfa e ser levada a tôdas as espécies de transgressões. A criança está, portanto, predisposta para a perversidade. Os actos perversos não encontram obstáculos, não existindo, ou estando ainda em formação, os diques psíquicos que se hão-de opor aos excessos sexuais (pudor, repugnância, moral). A criança, nessas circunstâncias, procede da mesma maneira que procederia, em face do sedutor, uma grande parte das mulheres que não tivessem sofrido a influência da civilização e conservassem, portanto, uma disposição perversa polimorfa. Uma mulher nessas condições pode, sem dúvida, manter-se sexualmente normal nas circunstâncias vulgares da existência. Sob o domínio dum sedutor experimentado, a mesma mulher tomará gôsto por tôdas as perversidades, fazendo uso delas, daí em diante, na sua actividade sexual. A prostituta faz uso da sua perversidade polimorfa e,

 por conseqüência, infantil, no interêsse da sua profissão. Se se considerar o número imenso de mulheres prostituídas, e o daquelas a quem não se podem negar aptidões para a prostituïção, embora não a tenham exercido, terá que se reconhecer que esta disposição para tôdas as perversões é qualquer coisa de profundo e de geralmente humano.

DAS TENDÊNCIAS PARCIAIS.—A sedução não nos ensina nada sôbre o início da vida sexual na criança. Ao contrário: os casos de sedução podem induzir-nos fàcilmente em êrro. As crianças de que temos que nos ocupar ao estudar êsses casos tomaram, prematuramente, conhecimento dum objecto real para que nenhuma necessidade real as impelia. Em todo o caso, temos que reconhecer que a sexualidade da criança, por mais importante que seja o papel desempenhado pelas zonas erotogéneas, compreende certas tendências que a levam, desde o comêço, a buscar outras pessoas como objectos sexuais. Entre essas tendências, mencionamos as que levam as crianças a espreitar ou a exibir-se, e, ainda, a sua tendência para a crueldade. Essas tendências, cujas relações íntimas com a vida genital só mais tarde se afirmarão, existem desde a infância, se bem que, nessa idade, sejam independentes da actividade sexual das zonas erotogéneas. A criança não

tem pudor algum e, durante os primeiros anos, 81
sente um prazer bem definido em descobrir o corpo e em chamar a atenção para as partes genitais. A contra-partida desta tendência, que nós consideramos perversa, é a curiosidade que leva a criança a procurar ver as partes genitais das outras pessoas. Esta curiosidade manifesta-se no segundo período da infância, depois de o obstáculo constituído pelo pudor ter adquirido uma certa fôrça. Sob a influência do sedutor, a curiosidade perversa pode adquirir uma grande importância na vida sexual da criança. Todavia, as investigações que fiz junto de crianças, de pessoas normais e de neurópatas levaram-me a admitir a possibilidade da curiosidade se manifestar, no domínio sexual, duma maneira espontânea. As crianças, uma vez atraída a sua atenção para as suas partes genitais — geralmente em conseqüência da masturbação —, proseguem nessa via sem intervenção estranha, e mostram o mais vivo interêsse pelas partes genitais dos seus pequenos camaradas. Não sendo possivel satisfazer essa curiosidade senão quando se exercem as funções de micção e de defecação, as crianças tornam-se espectadores assíduos dêsses actos fisiológicos. Quando essas tendências foram reprimidas, o desejo de contemplar o aparelho genital (de um ou de outro sexo) mantem-se e pode adquirir a forma duma obcessão, que, em certos

 neurópatas, se torna a causa determinante de sintomas mórbidos.

A crueldade, factor do instinto sexual, é, no seu desenvolvimento, ainda mais independente da actividade sexual ligada às zonas erotogéneas. A criança é, em geral, inclinada à crueldade, pois a necessidade de possuir ainda não é tolhida pela dor alheia. (A piedade não se desenvolve senão relativamente tarde). Como é sabido, ainda não se fêz uma análise profunda desta tendência para a crueldade. O que podemos dizer é que ela deriva do instinto de poderio e aparece na vida sexual numa altura em que os órgãos genitais ainda não entraram no período de actividade. A tendência para a crueldade domina uma fase inteira da vida sexual que descreveremos mais tarde como organização pre-genital. As crianças que se mostram particularmente cruéis para com os animais e para com os camaradas são acusadas, e com razão, de ter uma actividade intensa e precoce das zonas erotogéneas. E se bem que tôdas as tendências sexuais sofram, nestes casos, um desenvolvimento prematuro, é a actividade das zonas erotogéneas que, segundo parece, predomina sempre. A falta de piedade tem um perigo: a associação, formada durante a infância, entre as tendências eróticas e a crueldade, mostra-se, mais tarde, indissolúvel.

Uma das origens erotogéneas da tendência pas-

siva para a crueldade (masoquismo) é a excitação dolorosa da região nadegueira — fenómeno êste bem conhecido desde as «Confissões» de Jean Jacques Rousseau. Os educadores deduziram, com razão, da revelação dêsse fenómeno que os castigos corporais, geralmente aplicados sôbre essa parte do corpo, devem ser evitados. Em virtude dêsses castigos, as crianças, que sofrem as influências da civilização, correm o perigo de desenvolver o seu «líbido» por vias colaterais.

Investigações da criança com relação à sexualidade

Nesta mesma época em que a vida sexual da criança atinge o seu primeiro grau de desenvolvimento — dos três aos cinco anos — inicia-se uma actividade intelectual provocada pelo desejo de procurar e de saber. O desejo de saber não se pode contar entre os factores elementares da vida afectiva e não é possível fazê-lo depender exclusivamente da sexualidade. A sua maneira corresponde, por um lado, a uma sublimação da necessidade de possuir, por outro lado utiliza o desejo de ver. No entanto, as relações que mostra ter com a vida sexual são muito importantes. A psicoanálise mostra que essa necessidade de saber aparece mais cedo do que se pensa geralmente. A criança dedica-se aos problemas sexuais

 com uma intensidade imprevista, e pode-se mesmo dizer que são êsses os problemas que despertam a sua inteligência.

O ENIGMA DA ESFINGE. — Não é um interêsse teórico mas uma necessidade prática que leva a criança a estas investigações. Quando se sente ameaçada pela chegada de um irmão, e que há motivos para recear que êste acontecimento lhe traga uma deminuïção de cuidados ou de amor, põe-se a reflectir e o seu espírito começa a trabalhar. O primeiro problema que o preocupa em conformidade com o seu desenvolvimento, não é o facto de saber em que consiste a diferença dos sexos, mas o grande enigma: ¿donde vêm as crianças? Sob um disfarce que fàcilmente se pode descobrir, êste enigma é o mesmo que o da Esfinge de Thebas. A criança aceita que haja dois sexos sem opor objecção a êsse facto e sem lhe ligar grande importância. Os rapazes não duvidam de que tôdas as pessoas que encontram têm um aparelho genital semelhante ao seu; não lhes é possível conciliar a falta dêste órgão com a idéia que fazem das outras pessoas. Mantêm, mesmo, com tenacidade, esta convicção, defendendo-a contra os factos contraditórios que a observação lhes revela, e não a abandonam, muitas vezes, senão depois de ter passado por graves lutas interiores (complexo de castração). Os seus

esforços para encontrar um equivalente ao pénis perdido da mulher, desempenham um papel importante na génese de múltiplas perversões.

A hipótese dum único aparelho genital (do órgão macho em todos os homens) é a primeira das teorias sexuais infantis, digna de estudo e fecunda em conseqüências. Pouco importa à criança que a biologia confirme a sua idéia preconcebida, reconhecendo no clitóris da mulher um real equivalente do pénis. A criança do sexo feminino, pelo contrário, aceita e reconhece a existência dum sexo diferente do seu, desde que viu o órgão genital do rapaz. Fica sujeita à inveja do pénis, que a leva, mais tarde, ao desejo, tão importante, de ser, por sua vez, um rapaz.

TEORIAS SOBRE O NASCIMENTO.—Muitas pessoas se lembrarão com que interêsse preguntavam, durante o período prepúbere, donde vinham as crianças. As soluções anatómicas em que se detinham eram diversas. Supunham que as crianças nasciam do seio, ou que saíam do ventre por uma incisão, ou ainda que o umbigo se abria para as deixar passar. Sem o recurso da psicoanálise, não nos recordamos, senão raramente, das investigações feitas a êste respeito durante a infância. Deu-se uma *compressão,* mas tôdas as investigações conduzem ao mesmo resultado: tem-se um filho depois de comer qual-

 quer coisa de especial (assim como nos contos de fadas), e as crianças nascem pelo intestino como quando se vai ao W. C. Estas teorias infantis lembram certos factos da zoologia, como a existência das cloacas nas espécies inferiores.

INTERPRETAÇÃO SÁDICA DAS RELAÇÕES SEXUAIS. — Quando as crianças assistem às relações sexuais dos pais (o que freqüentemente acontece por os pais julgarem a criança muito nova para compreender a vida sexual) não deixam de interpretar o acto sexual como uma espécie de mau trato, ou violência; quer dizer que dão a êste acto uma significação sádica. A psicoanálise dá-nos a conhecer que uma tal impressão sofrida na primeira infância contribui muito para favorecer, ulteriormente, um desvio sádico do fim sexual. As crianças também se preocupam muito em saber em que consistem as relações entre os dois sexos, ou — como êles dizem — o casamento: a solução que habitualmente os satisfaz é uma união que se leva a efeito no momento da micção ou da defecação.

O INSUCESSO DAS INVESTIGAÇÕES SEXUAIS DA CRIANÇA. — Pode-se dizer, em geral, que as teorias sexuais infantis não são mais do que o reflexo da constituïção sexual, e que, a pesar de erros estranhos, elas revelam um maior conhe-

cimento dos actos sexuais do que à primeira vista se pode imaginar. As crianças dão pelas modificações que a gravidez provoca nas mães, interpretando-as duma maneira justa. A lenda das cegonhas (1) desperta nelas uma grande desconfiança, embora não manifestem. No entanto, a criança, ignorando o papel do esperma na vida sexual e a existência do orifício vaginal — duas coisas pouco desenvolvidas nessa idade — não pode chegar a uma conclusão. Quando renuncia é com prejuizo para a sua necessidade de saber. A criança é sempre solitária nas suas investigações sexuais. É o primeiro passo que ela dá para se orientar no mundo; desde então, as pessoas que a rodeiam perdem a confiança que lhe mereciam.

Fases do desenvolvimento do organismo sexual

Até aqui considerámos como carácter essencial da vida infantil o facto de ela ser auto-erótica (a criança encontra o seu objecto no seu próprio corpo) e das tendências parciais mal ligadas entre si e independentes umas das outras tenderem para o prazer. Êste desenvolvimento finaliza na

---

(1) Nos países da Europa Central, diz-se às crianças que são as cegonhas que as trazem, como em Portugal se diz que vêm de França num cêsto (N. do T.).

 vida sexual que nos habituámos a chamar normal nos adultos, na qual a necessidade de satisfação é posta ao serviço da procriação, enquanto que as tendências parciais se submetem ao primado duma zona erotogénea única, formando uma organização sólida, capaz de atingir o fim sexual, desde então ligado a um objecto sexual estranho à criatura.

DA ORGANIZAÇÃO PREGENITAL. — Estudando, com o auxílio da psicoanálise, as interrupções e perturbações sofridas por êste desenvolvimento, reconhecemos que existem rudimentos e preformações duma organização das tendências parciais que realizaram assim uma espécie de regime sexual. Normalmente, a criança passa sem dificuldade pelas diversas fases da organização sexual, sem que estas lhes sejam reveladassenão por indícios. Só nos casos patológicos é que se definem e se reconhecem fàcilmente.

Chamamos pregenitais às organizações da vida sexual nas quais as zonas genitais ainda não impuseram o seu primado. Até aqui conhecemos duas que sugerem um regresso ao estado de animalidade bárbara.

A primeira organização sexual pregenital é aquela a que chamaremos *oral* ou, se quiserdes, *canibal*. A actividade sexual nesta fase não está

separada da preenção dos alimentos, não se tendo dado ainda a diferenciação dos dois actos. As duas actividades têm o mesmo objecto e o fim sexual é constituído pela *encorporação* do objecto, modêlo e imagem do que será mais tarde a *identificação* destinada a desempenhar um papel importante no desenvolvimento psíquico. A sucção pode ser cosiderada como um resto desta fase de organização, que tem uma simples existência virtual e que só a patologia nos dá a conhecer. Com efeito, na sucção a actividade sexual, separada da actividade alimentar, não fêz mais que substituír o objecto estranho por uma parte do corpo da criatura.

A segunda fase pregenital é a que chamamos *sádico-anal*. A oposição que se encontra sempre na vida sexual aparece aqui claramente; no entanto, não são ainda os dois sexos que se opõem, mas os dois termos antagónicos: *activo* e *passivo*. O elemento activo parece ser constituído pelo desejo de possuir, que é por sua vez condicionado pela fôrça muscular; o órgão cujo carácter sexual é passivo será representado pela mucosa intestinal erotogénea. As suas tendências têm cada uma o seu objectivo. Outras tendências parciais têm um carácter auto-erótico. Nesta fase do desenvolvimento da vida sexual encontra-se já a polaridade sexual, a existência dum objecto hetero-erótico. O que falta ainda é a organização e a

 subordinação das tendências parciais à função de procriar.

DA AMBIVALÊNCIA. — Esta forma de organização sexual pode subsistir durante tôda a vida, e exercer o seu domínio sôbre uma grande parte da actividade sexual. O sadismo evidente e a importância da zona anal, que desempenha o papel de cloaca, empresta a esta organização sexual um carácter arcaico pronunciado. Outra característica: as tendências antagónicas têm fôrças iguais, o que se pode exprimir pelo termo feliz de ambivalência, introduzido por Bleuler.

A hipótese da existência de tais organizações pregenitais da vida sexual assenta sôbre a análise das neuroses e não pode justificar-se senão pelo conhecimento destas. É de esperar que as nossas investigações psicoanalíticas nos dêem a conhecer cada vez melhor a construção e o desenvolvimento das funções sexuais normais.

Para completar a imagem da sexualidade infantil é preciso acrescentar que, geralmente (poder-se-ia dizer sempre), a escolha dum objecto sexual (escolha que definimos como caracterizando a puberdade) está feita desde a infância, de maneira que tôdas as tendências sexuais convergem para uma única pessoa e encontram nela a sua satisfação. Assim se realiza, nos anos de infância, a forma de sexualidade que se aproxima

mais da forma definitiva da vida sexual. A diferença entre estas organizações e o estado definitivo resume-se no facto de a síntese das tendências parciais não estar realizada na criança, e de a sua submissão ao primado da zona genital não ser completa. A afirmação dêste primado só se fará na última fase do desenvolvimento sexual.

OS DOIS PERÍODOS DE ESCOLHA DA CRIANÇA. — Uma das características da escolha sexual é ser feita em dois períodos por dois impulsos. O primeiro impulso começa entre os dois e os cinco anos, depois do que é detido por um período em que a sexualidade fica latente e que pode provocar mesmo uma regressão. Êsse primeiro impulso caracteriza-se pela natureza infantil dos objectos sexuais. O segundo impulso começa na puberdade e determina a forma definitiva que adquirirá a vida sexual.

O facto da escolha do objecto ser feita por dois impulsos, ou, dizendo melhor, o facto de existir um período em que a sexualidade está latente, tem uma grande importância na génese das perturbações do estado definitivo. A escolha feita pela criança mantem-se nos seus efeitos, quer seja por estes conservarem a sua intensidade inicial, quer seja por sofrerem um renôvo durante a puberdade. Em conseqüência da *compressão* que se dá entre as duas fases, o objecto

 escolhido não é utilizável. Os fins sexuais formados desta maneira, foram como que suavizados, e apresentam-se neste período como uma corrente *sentimental* na vida sexual. Só a psicoanálise pode mostrar que detrás dessa ternura, dêsse respeito e dessa veneração se ocultam as antigas tendências sexuais engendradas pelos *instintos parciais* tornados inutilizáveis. O adolescente não pode escolher um novo objecto sexual senão depois de ter renunciado aos objectos da sua infância e quando lhe apareça uma nova corrente *sensual*. Se as duas correntes não chegarem a confluir não poderá ser atingido um dos ideais da vida sexual que consiste na concentração de tôdas as formas do desejo num objecto único.

Das fontes da sexualidade infantil

As nossas investigações sôbre as origens profundas da sexualidade ensinaram-nos que os movimentos sexuais nascem na criança: *a)* por imitação duma satisfação experimentada em relação com *processus* orgânicos não sexuais; *b)* por excitação periférica das zonas erotogéneas; *c)* por efeito de certas tendências cujas origens conhecemos mal, tais como o exibicionismo e a tendência para a crueldade. Os resultados que tirámos duma psicoanálise regressiva e de observa-

ções feitas na criança dão-nos a conhecer outras fontes contínuas de excitação sexual. A observação directa tem o incoveniente de se prestar, fàcilmente, a malentendidos. Por outro lado, a missão da psicoanálise torna-se difícil devido a só poder atingir o objecto do seu estudo e chegar a uma conclusão depois dum longo desvio. No entanto, combinando os dois métodos, pode-se chegar a um grau suficiente de certeza.

Só as zonas erotogéneas — como nós sabemos — possuem, num grau superior, qualidades de excitabilidade. Essas qualidades encontram-se, porém, num grau maior ou menor, sôbre tôda a superfície epidérmica. Não nos devemos espantar, portanto, de ver atribuir a quaisquer excitações da pele efeitos duma erotogenidade incontestável. Dentre aquelas excitações devemos destacar, como muito importantes, as sensações térmicas. Isso ajuda-nos a compreender os efeitos terapêuticos do banho quente.

EXCITAÇÕES DE ORDEM MECÂNICA.— Ao lado do referido género de excitações devemos colocar as excitações e os movimentos rítmicos de origem mecânica, que actuam provocando diferentes excitações por intermédio do aparelho sensorial do nervo vestibular, da epiderme e do aparelho da sensibilidade profunda (músculos, articulações). Antes de analisar as sensações de pra-

 zer produzidas pelas excitações mecânicas, devemos fazer notar que, no que se segue, empregaremos, sem os distinguir, os termos «excitações» e «satisfação», cujo sentido precisaremos mais tarde. A prova de que certas agitações mecânicas provocam o prazer está, para mim, no facto de as crianças gostarem muito, por exemplo, de andar no baloiço. Algumas pessoas lembram-se, com efeito, de que, quando se baloiçavam, experimentavam um prazer sexual devido ao contacto do ar com as suas partes genitais.

Para adormecer as crianças é costume embalá-las. Os balanços rítmicos dum passeio de automóvel ou duma viagem em caminho de ferro impressionam as crianças mais crescidas até ao ponto de todos os rapazes, pelo menos, desejarem ser «chauffeurs» ou maquinistas. As crianças ligam uma importância excessiva e misteriosa a tudo que diz respeito aos caminhos de ferro. Chegadas à idade da imaginação, quere dizer, pouco antes da puberdade, fazem do caminho de ferro um símbolo sexual preciso. O que cria uma afinidade entre as sensações provocadas pelo movimento do caminho de ferro e a sexualidade é, evidentemente, o caracter de prazer ligado às sensações motoras. Se a seguir intervém a *compressão,* que transforma no seu contrário as preferências da criança, o adolescente ou o adulto reagem pela náusea contra o balanço, ou ficam

completamente esgotados depois duma viagem em caminho de ferro, enquanto outros sofrem acessos de angústia. Pode resultar daí o aparecimento da fobia do caminho de ferro, a qual seria, neste caso, um meio de defesa do indivíduo contra a repetição de experiências desastradas.

É seguindo esta ordem de idéias que se deve procurar a explicação do facto da acção combinada do terror e do choque engendrar a histeria traumática grave. E de supor, pelo menos, que as mesmas influências que, num grau inferior de intensidade, são fontes de excitação, possam produzir, quando excessivas, perturbações profundas do mecanismo sexual.

DA ACTIVIDADE MUSCULAR.—É fora de dúvida que a actividade muscular exercida livremente é uma necessidade para a criança. Já não se pode dizer o mesmo da questão de saber se o prazer que essa actividade produz tem qualquer relação com a sexualidade, se êsse prazer contém em si uma satisfação sexual ou se pode tornar-se a causa de excitações dêsse género. O facto de supor esta conexão levantará, certamente, objecções, que, de resto, se aplicarão, igualmente, à hipótese emitida acima e segundo a qual o prazer provocado por movimentos passivos seria de natureza sexual ou poderia, pelo menos, despertar sensações dessa espécie. Muitas pessoas

 confessam ter sentido, pela primeira vez, uma excitação do aparelho genital durante uma luta corpo a corpo com um camarada. Nesse caso, à tensão de todos os músculos junta-se a acção excitante dos contactos com a pele do adversário. Quando se procura lutar, fisicamente, com uma pessoa determinada, ou quando, já noutra idade, se está sempre disposto a implicar com ela num duelo de espírito, é de presumir que a escolha sexual recaia sôbre essa pessoa. Uma das origens da tendência para o sadismo pode ser êsse facto de a acção muscular favorecer de a excitação sexual. Num grande número de indivíduos, a associação, feita durante a infância, entre o amor da luta e a excitação sexual, contribui para determinar o que virá a ser a sua actividade sexual.

«PROCESSUS» AFECTIVOS. — As outras fontes da excitação sexual na criança estão menos sujeitas a controvérsia. É fácil verificar, pela observação directa e pela análise regressiva, que tôdas as emoções que atingem um certo grau de intensidade, incluindo o sentimento de terror, se repercutem na sexualidade. Isto ajuda-nos, de resto, a compreender os efeitos patogénicos das emoções dêste género. Entre os estudantes o mêdo do exame, a atenção exigida por uma prova difícil, podem despertar manifestações sexuais.

Uma excitação levará a criança a tocar nas suas partes genitais ou provocará mesmo uma espécie de polução seguida de tôdas as suas conseqüências perturbadoras. A conduta das crianças, na escola, que aos olhos dos educadores muitas vezes parece inexplicável, deve ser relacionada com a sexualidade infantil. A excitação que sucede a certas emoções penosas (angústia, mêdo, terror) persiste num grande número de adultos. Isso explica-nos porque razão tantos indivíduos procuram sensações dessa ordem, com a condição, é claro, de estarem rodeadas de circunstâncias particulares que lhes dêem um carácter de irrealidade (leitura, teatros) e deminuam, assim, o que elas tenham de penoso e de doloroso. Se se pudesse supor que as sensações intensamente dolorosas produzem também efeitos erotogéneos, sôbretudo quando a sua acuidade é atenuada pelas circunstâncias concomitantes, ou quando não são sentidas directamente, poderíamos ver nesse facto psíquico uma das principais fontes da tendência masoquista-sádica, cuja natureza complexa e múltipla ficaria assim um pouco esclarecida.

TRABALHO INTELECTUAL. — E, enfim, evidente que a concentração da tensão sôbre um trabalho intelectual, e, dum modo geral, a tensão de espírito, são acompanhadas, num grande número de jóvens e de adultos, duma excitação

 sexual conexa. Este facto pode ser considerado como o único fundamento da teoria que atribui as perturbações nervosas a um excesso de trabalho intelectual.

Se resumirmos o que os diferentes exemplos e observações — ainda não completamente publicadas, de resto — nos ensinaram sôbre as fontes da excitação sexual infantil, poderemos destacar os traços seguintes ou, pelo menos, esboçá-los: causas múltiplas concorrem para que se dê o *processus* sexual, que, verdade seja, se tornou, na sua essência, cada vez mais enigmático. Alimenta-se, duma maneira directa, das excitações vindas das superfícies sensíveis (tegumentos e órgãos sensoriais) e, duma maneira imediata e igualmente directa, das excitações que se produzem em certas zonas erotogéneas. O que importa é a qualidade da excitação, se bem que a intensidade (no que respeita à dor) não seja inteiramente para desprezar. Acrescentamos que no organismo se encontram disposições que fazem com que a excitação sexual se produza como efeito adicional, num grande número de *processus* internos, desde que a intensidade dêstes ultrapassa um certo grau. O que nós chamamos tendências parciais da sexualidade, ou deriva directamente dêste *processus* interno, ou representa um efeito conexo dêsse mesmo *processus* e da acção das zonas erotogéneas. Pode ser que nada de importante se dê

no organismo sem contribuir com uma parte para a excitação do instinto sexual.

Não me parece possível, neste momento, dar a esta tese uma maior clareza e precisão, e isto pelas seguintes razões: em primeiro lugar, o ponto de vista exposto aqui no seu conjunto é inteiramente novo; em segundo lugar, a natureza da excitação sexual é-nos ainda completamente desconhecida. No entanto, farei aqui duas observações que devem abrir largos horizontes:

DIFERENÇAS NAS CONSTITUÏÇÕES SEXUAIS.—*a)* Encarámos a possibilidade de reduzir as variedades de constituïções sexuais congenitais a diferenças no desenvolvimento das zonas erotogéneas. Poderemos tentar fazer, agora, qualquer coisa de análogo, tendo em consideração as fontes indirectas da excitação sexual. E-nos lícito supor que, se essas fontes produzem correntes em todos os indivíduos, não têm em todos uma fôrça igual, e que o predominio duma ou doutra dessas correntes explicará as diferenças de constituïção sexual dos indivíduos.

DAS INFLUENCIAS E DA SUA ACÇÃO REVERSÍVEL.—*b)* Abandonemos agora a imagem de que nos servimos durante tanto tempo, quando falávamos das *fontes* da excitação sexual. Recorramos a uma outra imagem, supondo a exis-

 tência de caminhos que levem duma função não sexual a uma função sexual e que possam ser percorridos nos dois sentidos. O facto de a zona dos lábios pertencer às duas funções, assim como explica que a satistação sexual se produza quando da preensão dos alimentos, ajuda-nos a compreender que apareçam perturbações anoréxicas quando se dá uma perturbação nas funções erotogéneas da zona comum. Já que sabemos que a concentração da atenção pode despertar desejos sexuais, podemos supor que, por um *processus* análogo, mas dirigido em sentido inverso, o estado de excitação sexual influïrá sôbre a utilização da atenção disponível. Uma grande parte da sintomatologia das neuroses que eu faço derivar das perturbações sexuais, consiste em alterações de funções fisiológicas que não têm carácter sexual algum. Esta influência da sexualidade, que até aqui parecia inexplicável, perde um pouco do seu carácter misterioso quando a consideramos como uma contrapartida das influências que regulam o *processus* da excitação sexual.

Da mesma maneira que as perturbações sexuais repercutem nas outras funções em estado patológico, uma sexualidade normal pode contribuir, no estado de saúde, para o desenvolvimento doutra actividade importante. É assim que se deve dar a mudança de orientação das tendências sexuais para fins não sexuais, ou seja a su-

blimação da sexualidade. Mas nós temos que confessar que sabemos ainda muito pouca coisa, duma maneira segura, sôbre essas reacções, que existem, certamente, e são reversíveis, segundo tôdas as probabilidades.

As transformações da puberdade

Com o início da puberdade surgem transformações que levam a vida sexual infantil à sua forma definitiva e normal. A tendência sexual, que era auto-erótica, vai descobrir o objecto da sexualidade. Aquela tendência provinha de outras, parciais, e de zonas erotogéneas que, independentemente umas das outras, buscavam como único fim da sexualidade um certo prazer. Agora, há um fim sexual novo em cuja realização cooperam tôdas as tendências parciais, enquanto que as zonas erotogéneas se subordinam ao primado da zona genital. Determinando o novo fim sexual funções muito diferentes para os dois sexos, as evoluções sexuais respectivas divergem muito também. A mais lógica e a mais fácil de interpretar é a do homem, pois na mulher produz-se uma espécie de regressão. O carácter normal da vida sexual é assegurado pela conjunção, para o objecto e fim sexuais, de duas correntes: a da ternura e a da sensualidade. A primeira dessas correntes compreende o que ficou da sexualidade infantil. Dá-se qualquer coisa de semelhante à

 abertura dum túnel feito, ao mesmo tempo, pelos dois lados.

No homem, o fim sexual consiste na emissão dos produtos genitais. Longe de ser estranho ao antigo fim que tendia para o prazer, o novo fim assemelha-se-lhe no facto de o máximo de prazer estar ligado ao acto final do *processus* sexual. O instinto sexual coloca-se ao serviço da função de reprodução, tornando-se, por assim dizer, altruista. Para se compreender o êxito desta transformação, devemos ter em conta as disposições originais e os caracteres próprios da tendência sexual.

Como em todos os casos em que se criam no organismo novas combinações e novas ligações em relação com um mecanismo complexo, se o *processus* fôr suspenso, podem-se produzir perturbações. Tôdas as perturbações mórbidas da vida sexual podem, de facto, ser consideradas como resultantes de paragens no decurso do desenvolvimento da sexualidade.

O primado da zona genital e o prazer preliminar

O comêço e o fim último da evolução que acabamos de descrever, aparece-nos claramente. Os estadios intermédios são ainda bastante obscuros. Temos, por isso, que deixar alguns enigmas por resolver.

Para determinar o *processus* da puberdade escolheu-se o que há de mais frisante, ou seja o desenvolvimento do aparelho genital externo, cuja paragem relativa de crescimento corresponde ao período de sexualidade latente da infância. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento dos órgãos genitais internos levou os produtos genitais à maturidade e tornou-os capazes de formar um novo ser. Constituíu-se, assim, um aparelho duma grande complexidade prestes a ser utilizado. Êste aparelho pode entrar em acção, graças a excitações que, segundo a observação nos revela, podem nascer de três maneiras diferentes: ou provêm do mundo exterior pelo estado de actividade das zonas erotogéneas que já conhecemos; ou procedem do interior do organismo por vias que estão ainda por estudar; ou têm, enfim, por ponto de partida a vida psíquica que se apresenta como um reservatório de impressões exteriores e um pôsto de receção das excitações interiores. Estes três mecanismos determinam um estado a que chamamos *excitação sexual*. Esta manifesta-se por sintomas de duas espécies, uns psíquicos e outros somáticos. Os sintomas psíquicos consistem num certo estado de tensão de carácter premente. Dentre os numerosos sintomas físicos citaremos, em primeiro lugar, uma série de modificações no aparelho genital que têm todo o carácter de *uma preparação* para o acto

 sexual (erecção do membro masculino e secreção vaginal).

A TENSÃO SEXUAL.—Ao considerar o carácter de tensão da excitação sexual é-se levado a pôr um problema cuja solução é tão difícil como importante para a interpretação dos *processus* sexuais. Quaisquer que sejam as divergências de opinião que se encontrem na psicologia moderna, eu sustento que um sentimento de tensão tem sempre um carácter de desprazer. O que me leva a pensar assim é o facto de um tal sentimento comportar uma necessidade de mudança da situação psicológica, o que é completamente estranho ao prazer. Mas, desde o momento em que classificamos a tensão provocada pela excitação sexual entre os sentimentos de desprazer, esbarramos com o facto de essa tensão ser sentida, sem dúvida alguma, como um prazer. Em todos os *processus* sexuais se encontra, ao mesmo tempo, tensão e prazer. Mesmo nas modificações preparatórias do aparelho genital nota-se uma espécie de satisfação. Resta, portanto, saber como se pode conciliar a tensão, que tem um carácter de desprazer, com o sentimento de prazer.

Tudo o que se relaciona com o problema do prazer e do desprazer toca num dos pontos sensíveis da psicologia moderna. Limitar-nos-emos a tirar dêste estudo as indicações que êle nos

pode fornecer, evitando considerar o problema no seu conjunto. Comecemos por lançar a vista sôbre a maneira como as zonas erotogéneas se adaptam à nova ordem. Cabe-lhes um papel importante no estadio inicial da excitação sexual.

Os olhos (a zona erotogénea mais afastada do objecto sexual) desempenham um papel particularmente importante nas condições em que se realizará a conquista dêsse objecto, transmitindo a qualidade especial de excitação que nos causa o sentimento da beleza. Chamaremos *excitante* o que se passa então no objecto sexual. Êsse excitante determina, por um lado, um prazer, e, por outro lado, provoca ou faz aumentar a excitação sexual. Se a esta primeira excitação se vem juntar uma outra proveniente doutra zona erotogénea, como, por exemplo, o contacto das mãos, o efeito continua a ser o mesmo: sentimento de prazer logo reforçado por um novo prazer que provém das modificações preparatórias, e aumento da tensão sexual que tomará logo um carácter bem acentuado de desprazer, se não lhe fôr permitido alcançar o prazer ulterior. O caso torna-se ainda mais claro quando é excitada uma zona erotogénea particular numa pessoa não perturbada sexualmente (por exemplo: a epiderme do seio na mulher). Êste contacto basta para suscitar um sentimento de prazer, mas é, ao mesmo tempo, o mais indicado para despertar a excita-

 ção sexual que, por sua vez, faz desejar um aumento de prazer. ¿Como se explica que, no momento de experimentar o prazer, se deseja um prazer maior? Eis o problema.

MECANISMO DO ESTADO PRELIMINAR DO PRAZER. — No caso que acabamos de citar, o papel que incumbe às zonas erotogéneas é bem claro. O que é verdade para uma, é para tôdas, pois que tôdas servem para criar, depois duma excitação apropriada, um certo prazer, ponto de partida do aumento da tensão, a qual deverá, por seu turno, fornecer a energia motora necessária à realização do acto sexual. A sua penúltima etapa caracteriza-se pela excitação apropriada duma zona erotogénea, da zona genital localizada nas glândulas, pelo objecto mais apropriado para êste efeito, ou seja a mucosa vaginal. O prazer que esta excitação produz, gera, desta vez por uma via reflexa, a energia motora que determina a ejaculação dos produtos genitais. Êste prazer, culminante pela sua intensidade, difere, pelo seu mecanismo, dos que o precederam. Causado inteiramente por uma descarga, êste prazer assenta sôbre a satisfação. Com êle desaparece por algum tempo a tensão do «líbido».

Para fixar esta diferença entre o prazer provocado pela excitação das zonas erotogéneas e o prazer concomitante da emissão dos produtos ge-

nitais, parece-me indicado empregar termos diferentes. O primeiro dêsses prazeres pode-se designar como prazer preliminar, por se opôr ao prazer de satisfação. O prazer preliminar é aquele que as tendências sexuais infantis podem conseguir, embora duma maneira rudimentar. O que surge de novo é o prazer final, que, por o ser, está ligado, segundo tôdas as probabilidades, a certas condições que não aparecem senão na puberdade. A fórmula da nova função das zonas erotogéneas pode ser assim enunciada: por meio do prazer preliminar, obtido como na infância, servem para produzir o prazer de satisfação que representa o grau superior.

Expliquei recentemente, servindo-me doutro exemplo tirado dum domínio psicológico completamente diferente, um caso análogo, em que um gôzo superior é atingido graças a uma sensação de prazer de menor intensidade, que adquire, de qualquer maneira, um valor atractivo. Servi-me dêste exemplo para analisar mais de perto a natureza do prazer (1).

PERIGO DO PRAZER PRELIMINAR. — A ligação que estabelecemos entre o prazer preliminar e a vida sexual da criança é confirmada

---

(1) O autor refere-se a um ensaio publicado em 1905, sôbre «O espírito e as suas relações com o desconhecido» (N. do T.).

 pela acção patogénica que êste prazer pode desempenhar. No mecanismo de que faz parte o prazer prévio reside, evidentemente, um certo perigo. Êsse perigo, relativo ao fim normal do acto sexual, manifesta-se desde o momento em que, numa etapa qualquer do *processus* sexual preparatório, o prazer prévio se torna demasiado forte, enquanto que a parte de tensão permanece demasiadamente fraca. Neste caso a fôrça da tendência fraqueja, de maneira que o *processus* sexual não pode continuar; o caminho a percorrer diminui, e a acção preparatória substitui-se ao fim normal da sexualidade. Segundo a experiência, supõe-se que a zona erotogénea em questão, a que corresponde a tendência sexual parcial, contribuíu já, no decurso da vida infantil, duma maneira excessiva, para a produção do prazer. Se, mais tarde, se juntam certas circunstâncias que tendem a criar uma fixação, aparecerá um constrangimento, que se oporá a que o prazer prévio se adapte ao novo mecanismo. Numerosas perversões caracterizam-se, com efeito, por uma tal suspensão nos actos preparatórios.

Êste malôgro do mecanismo sexual devido ao prazer preparatório evitar-se-á, tanto quanto possível, quando o primado da zona genital tiver sido formado prèviamente durante a infância. No decurso do segundo período da infância (dos oito anos até à puberdade) tôdas as disposições

parecem concorrer para êste efeito. Durante 113
estes anos, as zonas genitais funcionam, mais ou menos, da mesma maneira que durante a maturidade. Tornam-se o centro de excitações e modificações preparatórias quando o prazer sentido é proveniente da satisfação duma zona erotogénea qualquer, se bem que isto não tenha conseqüências, ou melhor, não contribua em nada para a continuação do *processus* sexual. Durante a infância forma-se, assim, ao lado do prazer de satisfação uma certa tensão sexual, se bem que menos constante e menos intensa. E agora, compreender-se-à a razão por que, discutindo as fontes da sexualidade, dissemos que o *processus* a que nos estamos referindo actua, satisfazendo e excitando sexualmente ao mesmo tempo. Isso demonstra que, primeiro, exagerámos a diferença entre a vida sexual infantil e a da maturidade, e que fazemos agora a devida correcção. As manifestações infantis da sexualidade não determinam sòmente os desvios, mas, também, as formações normais da vida sexual do adulto.

Do problema da excitação sexual

Não explicámos ainda donde provém a tensão sexual que acompanha o prazer quando se dá a satisfação das zonas erotogéneas, e qual pode ser a sua natureza. A primeira hipótese que se apre-

 senta consiste em supôr que esta tensão resulta, de qualquer maneira, do próprio prazer. Essa hipótese não pode, porém, ser aceite, porque, quando se dá o prazer culminante ligado à emissão dos produtos genitais, não só não se produz mais tensão alguma, como desaparece tôda a existente. Isto leva-nos a admitir que o prazer e a tensão sexual não estão ligados entre si senão duma maneira indirecta.

PAPEL DESEMPENHADO PELOS PRODUTOS GENITAIS. — Além do facto de a emissão dos produtos genitais fazer terminar normalmente a excitação sexual, outros indícios nos permitem estabelecer uma conexão entre a tensão e aqueles produtos. No decurso duma vida de continência, o aparelho genital liberta-se dêsses produtos em períodos variáveis mas com alguma regularidade. Durante a noite, produz-se uma descarga acompanhada duma sensação de prazer no decurso da alucinação dum sonho que representa um acto sexual. Para explicar êste *processus* da polução nocturna somos levados a crer que a tensão sexual, que sabe encontrar o caminho da alucinação para substituir o acto, existe em função da acumulação do espérmen nos reservatórios dos produtos genitais. As experiências que se podem fazer sôbre o esgotamento do mecanismo sexual fornecem indicações no

mesmo sentido. Quando as reservas seminais estão esgotadas, não só a realização do acto sexual se torna impossível, como falha a própria excitablidade das zonas erotogéneas. Mesmo excitadas por meios apropriados, as zonas já não produzem prazer. Verificamos assim, de passagem, que um certo grau de tensão sexual se torna necessário para que as zonas erotogéneas possam passar ao estado de excitação.

Somos levados, assim, a emitir uma suposição que, se me não engano, é geralmente admitida, e segundo a qual a acumulação dos produtos genitais criaria e manteria a tensão. O fenómeno proviria, talvez, duma pressão que êsses produtos exerceriam contra as paredes dos seus reservatórios, que agiria como excitante dum centro medular. O estado dêste seria, por sua vez, percebido pelos centros superiores, de maneira que o sentimento de tensão atingiria a consciência. O facto de a excitação das zonas erotogéneas aumentar a tensão sexual não poderia ser assim explicado, senão admitindo que as zonas erotogéneas estão ligadas aos centros por conexões anatómicas preformadas, que os centros aumentam o *tonus* da excitação e, enfim, que a tensão, tendo atingido um grau suficiente, provoca o acto sexual, ou, se é insuficiente, incita à produção de produtos genitais.

O lado fraco desta doutrina, que nós encontra-

 mos, por exemplo, na descrição do *processus* sexual feita por Krafft-Ebing, reside nisto: tendo em conta, exclusivamente, a atividade sexual do adulto, despreza, em grande parte, três espécies de relações que devia esclarecer: na criança, na mulher e no castrado macho. Nestes três casos não se pode tratar duma acumulação dos produtos genitais, o que torna difícil a aplicação integral daquela teoria. Em todo o caso, temos que reconhecer que existem certos testemunhos que permitem subordinar a essa teoria êsses mesmos casos. É preciso evitar, no entanto, atribuir ao conjunto dos factores que acabamos de examinar, um papel que não me parecem ser capazes de exercer.

IMPORTANCIA DO APARELHO GENITAL INTERNO. — O que prova que a excitação sexual é, num grau apreciável, independente da formação dos produtos genitais, são as experiências feitas sôbre os castrados machos que, a pesar da operação sofrida, conservam, por vezes, intacto o «líbido» (o resultado contrário, que é o fim da operação, constitui, porém, a regra geral). Por outro lado, sabe-se, há muito, que as doenças, que tornaram impossível a produção nas glândulas genitais do homem, deixam intactos o «líbido» e a potência do indivíduo tornado estéril. Não é, pois, extraordinário, como C. Rieger parece jul-

gar, que a perda das glândulas espermatogêneas numa idade avançada possa não ter influência sobre a atitude psíquica do indivíduo. E verdade que a castração, efectuada na puberdade, tráz consigo, até um certo ponto, a supressão dos caracteres sexuais. Neste caso, é possível que, além da perda das glândulas genitais, e em conseqüência disso, se dê uma paragem da evolução.

TEORIA QUÍMICA. — As experiências de ablação das glândulas genitais (ovários e testículos) feitas sôbre animais, e os enxertos de novos órgãos nos vertebrados, lançaram luz, por fim, sôbre a origem da excitação sexual, e deminuiram, ainda mais, a importância que se pode atribuir à acumulação dos produtos celulares genitais. Foi experimentalmente possível (E. Steinach) transformar um macho em fémea ou inversamente, o que produziu uma transformação simultânea na atitude do animal, que correspondia aos caracteres sexuais somáticos. No entanto, esta influência que determina o sexo não se deve atribuir à parte das glândulas genitais que produz as células específicas (espermatozoides e óvulos), mas sim ao tecido intersticial que, por esta razão, é designado por «glândula da puberdade» pelos autores citados. É possível que as investigações ulteriores dêem como resultado fazer-nos admitir que a «glândula da puber-

 dade» seja andrógina no seu estado normal, o que daria um fundamento anatómico à vida bissexual dos animais superiores. O que se pode, desde já, afirmar é que essa glândula não é o único órgão que desempenha um papel na produção da excitação sexual. Seja como fôr, de resto, o novo descobrimento biológico liga-se ao que nós dissemos anteriormente sôbre a acção do corpo glandular com relação à sexualidade. Estamos presentemente autorizados a pensar que a parte intersticial das glândulas genitais produz matérias químicas dum carácter especial que, colhidas pela corrente circulatória, levam certas partes do sistema nervoso central a um estado de tensão sexual. Conhecemos já o caso duma excitação proveniente de certas toxinas exogéneas se transformar numa excitação orgânica de carácter específico. Não podemos tratar, presentemente, mesmo sob a forma de hipótese, da maneira como a excitação sexual nasce da excitação de zonas erotogéneas, como ela é precidida duma tensão do aparelho central, e quais são as complicações de excitação, puramente tóxicas e fisiológicas, que resultam dêsses *processus*. Basta distinguir duma tal concepção a noção de matérias dum carácter particular, que derivam do metabolismo sexual, pois esta teoria, que pode parecer arbitrária à primeira vista, assenta num facto muito importante. As neuroses que se po-

dem atribuir a perturbações da vida sexual têm a maior semelhança clínica com os fenómenos de intoxicação e dos estados de insatisfação gerados pela ingestão habitual de certos venenos (alcalóides).

Teoria do «líbido»

A hipótese, segundo a qual a excitação sexual teria uma base química, concorda perfeitamente com as concepções que formulámos para nos ajudar a compreender e a dominar as manifestações psíquicas da vida sexual. Insistimos sôbre uma noção do «líbido» que o considera como uma fôrça quantitativamente variável, permitindo-nos avaliar os *processus* e as transformações no domínio da excitação sexual. Distinguimos o «líbido» da energia que supomos existir na base de todos os *processus* psíquicos em geral. A distinção que estabelecemos corresponde às origens próprias do «líbido», atribuindo-lhe assim, além do seu carácter quantitativo, um carácter qualitativo. Quando distinguimos a energia do «líbido» de qualquer outra energia psíquica, supomos que os *processus* sexuais do organismo se distinguem das funções de nutrição por um quimismo especial. A análise das perversões e das psiconeuroses dá-nos a conhecer que esta excitação sexual não deriva, ùnicamente, das par-

 tes chamadas genitais, mas de todos os outros órgãos. Criamos, assim, a noção dum «líbido» que se poderia fixar quantitativamente, e cuja representação psíquica seria o que nós chamamos o «líbido» *subjectivo (ich-libido)*. A sua produção, aumento, deminuïção, divisão e deslocamento, devem-nos fornecer os meios de explicar os fenómenos psico-sexuais

No entanto, o «líbido» do Eu não se torna acessível à análise, senão quando se apoderou de objectos sexuais, quere dizer, quando se tornou «líbido» *objectivo*. Vemo-lo, então, concentrar-se sôbre objectivos, fixar-se nêles ou abandoná-los, deixá-los para se voltar para outros objectos, e, das posições de que se apoderou, ordenar a actividade sexual dos indivíduos e levá-los, enfim, à satisfação. Chegamos, assim, a uma extinção parcial do «líbido». A psicoanálise do que é costume chamar as neuroses de sugestão (histeria e neurose de obcessão) permite-nos chegar a uma certeza sôbre êsse ponto.

No que diz respeito ao «líbido» objectivo, observamos que, desligado dos seus objectos, fica em suspenso, em condições particulares de tensão, e que, finalmente, reentra no Eu de maneira que se torna em «líbido» subjectivo. Chamamos, também, «líbido» subjectivo, em oposição ao «líbido» objectivo, o «líbido» do *narcisismo*. A psicoanálise leva-nos a lançar a vista para uma região

que não nos é permitido explorar, a do «líbido» do narcisismo, e a formar uma idéia das ligações entre os dois «líbidos». O «líbido» do Eu ou do narcisismo aparece-nos como formando a grande reserva donde partem as determinantes objectivas, e para onde voltam em seguida. O narcisismo, que marca o regresso ao Eu, aparece-nos como o estado original realizado na infância, estado que foi ocultado pelas tentativas de conquistas ulteriores, mas que, no fundo, nunca desapareceu.

Uma teoria do «líbido» que pretendesse explicar as perturbações nervosas e psicopáticas, deveria poder exprimir todos os fenómenos observados, e os que dêles podemos inferir nos termos que nos forneceu a análise do próprio «líbido». Supor-se-á fàcilmente que as transformações do «líbido» do Eu têm uma grande importância, sobretudo quando se trata de explicar as profundas perturbações de natureza psicopática. O que torna difícil esta emprêsa é que, se até agora a psicoanálise nos esclarece, duma certa maneira, sôbre as transformações do «líbido» objectivo, em compensação, não está ainda em condições de distinguir, duma maneira clara, o «líbido» subjectivo das outras energias que actuam no Eu. É por isso que não se pode, actualmente, desenvolver uma teoria do «líbido», senão pelo método especulativo. Mas renunciamos

 a tudo o que nos ensinaram as observações psicoanalíticas feitas até aqui, se, com Jung, diluirmos a noção do «líbido», identificando-a com a da energia psíquica em geral.

A discriminação das tendências sexuais de outra qualquer tendência, a limitação da noção do «líbido» às tendências sexuais, encontram o seu maior apoio na hipótese, já formulada, relativa a um quimismo particular da função sexual.

Diferenciação dos sexos

Sabe-se que só no período da puberdade se manifesta uma distinção nítida entre o carácter masculino e o carácter feminino. Essa oposição exerce, daí em diante, uma influência mais decisiva do que qualquer outra no decorrer da vida. É verdade que as disposições masculina e feminina se manifestam já durante a infância. O desenvolvimento dos diques sexuais (pudor, repugnância, piedade) dá-se muito cedo nas raparigas e encontra nelas menos resistência que nos rapazes. Nas raparigas, a inclinação para a *compressão* sexual parece desempenhar um papel mais importante. Quando as tendências sexuais da puberdade se manifestam nas raparigas, tomam de preferência a forma passiva. No entanto, a actividade auto-erótica das zonas erotogéneas é a mesma nos dois sexos, o que impede que,

na infância, a diferença sexual seja tão evidente como depois da puberdade. Se tomarmos em consideração as manifestações auto-eróticas e onanísticas, poderemos emitir a tese segundo a qual a sexualidade das raparigas tem, no fundo, um carácter masculino. Mais ainda: ligando às concepções de macho e fêmea noções mais exactas, pode-se afirmar que *o «líbido» é, duma maneira constante e regular, de essência masculina, quer apareça no homem ou na mulher, e, abstraindo do seu objecto, homem ou mulher*. Desde que tive conhecimento da teoria da bissexualidade passei a ligar uma importância decisiva a êsses factos. Creio, efectivamente, que, sem os ter em consideração, não se podem interpretar as manifestações sexuais do homem e da mulher.

ZONAS EROTOGENEAS, NO HOMEM E NA MULHER, CONSIDERADAS COMO ÓRGÃOS DE TRANSMISSÃO. — Acrescentemos ainda que, na rapariga, a zona erotogénea condutora está localizada no clitóris, que é homólogo da zona genital masculina, situada nas glândulas. Tudo quanto sei sôbre a masturbação das raparigas, demonstra a importância do clitóris com exclusão das outras partes genitais externas, que só mais tarde desempenharão o seu papel decisivo na vida sexual. Duvido mesmo que a rapariga, com raras excepções, possa ser levada a

 praticar outra coisa além da masturbação clitoridiana, sem intervenção dum sedutor. As manifestações sexuais espontâneas, que se encontram tão freqüentemente nas raparigas, aparecem sob a forma de contracções espasmódicas do clitóris. As erecções tão freqüentes dêsse órgão bastam para as esclarecer sôbre as manifestações sexuais do outro sexo, permitindo-lhes traduzir o que sente o rapaz por intermédio da sua própria sensação.

Se se quiser compreender a evolução que leva a rapariga ao estado de mulher, será preciso seguir as diferentes fases por que passa a excitação clitoridiana. A puberdade que, no rapaz, traz consigo o grande desenvolvimento do «líbido», caracteriza-se na rapariga por uma nova vaga de *compressão,* que atinge especialmente a sexualidade clitoridiana. O que ela comprime nessa altura é um elemento de sexualidade masculina. O refôrço dos obstáculos opostos à sexualidade, que se dá quando da *compressão* característica da puberdade, procura um elemento excitante no «líbido» do homem e incita-o a uma maior actividade. Em proporção com o aumento do «líbido», dá-se um aumento do excessivo aprêço sexual, que atinge, então, o seu pleno desenvolvimento em face da mulher que se recusa e renega o seu carácter sexual. O clitóris, quando excitado por ocasião do acto sexual, ao qual a mulher se presta finalmente,

conserva o seu papel que consiste em transmitir a excitação às partes genitais contíguas, um pouco à maneira do mato que serve para pegar fôgo à lenha. Esta transmisão leva, às vezes, a dar-se um certo tempo, durante o qual a mulher não é sensivel ao prazer. Uma tal insensibilidede pode estabelecer-se de maneira duradoura quando a zona do clitóris se recusa a transmitir a sua excitação — o que pode ser devido, principalmente, à sua actividade excessiva durante o período infantil. E sabido que a insensibilidade das mulheres é, geralmente, aparente e simplesmente local. Insensíveis às excitações da região vaginal, não o são a uma excitação que parta do clitóris ou mesmo doutra zona. A essas causas erotogéneas de insensibilidade juntam-se outras causas de carácter psíquico que, como as primeiras, são condicionadas por uma *compressão*.

Quando a transmissão da excitação erotogénea se fêz do clitóris para o orifício vaginal, deu-se, na mulher, uma mudança de zona condutora de que dependerá, no futuro, a sua vida sexual. Ao contrário, o homem conservou a mesma zona desde a sua infância. Com esta mudança das zonas erotogéneas como órgãos de transmissão, e com a vaga de *compressão* no período da puberdade, que parece, por assim dizer, querer suprimir o carácter de virilidade sexual na rapariga, encontramos as condições que predispõem a mu-

 lher para as neuroses e, especialmente, para a histeria. Essas condições dependem essencialmente da natureza feminina.

O descobrimento do objecto

Ao mesmo tempo que o *processus* da puberdade traz consigo o primado das zonas genitais e que o desenvolvimento do membro viril, tornado eréctil, procura um novo fim, quere dizer, a penetração numa cavidade que lhe produza a excitação, o desenvolvimento psíquico permite dar um objecto à sexualidade, o que vinha sendo preparado desde a infância. Na época em que a satisfação sexual estava ligada à preensão dos alimentos, a tendência encontrava o seu objecto na sucção dos seios da mãe. Êsse objecto desaparece ulteriormente, talvez no momento preciso em que a criança se torna capaz de ver no seu conjunto a pessoa à qual pertence o órgão que lhe dá uma satisfação. A tendência sexual torna-se, desde então, auto-erótica, e só depois de ultrapassado o período de sexualidade latente é que se restabelece a relação original. Não é sem razão que a criança ao seio da mãe se tornou o símbolo de tôdas as relações amorosas. O facto de encontrar um objecto sexual não é mais do que um regresso ao passado.

O OBJECTO SEXUAL DURANTE O PERÍODO DE ALEITAMENTO. — No entanto, desta relação sexual, que é a primeira e a mais importante de tôdas, subsiste, mesmo depois de se ter dado a separação entre a actividade sexual e a preensão dos alimentos, um resíduo importante que contribui para preparar a escolha do objecto e para encontrar, assim, a satisfação perdida. Durante todo o período de sexualidade latente, a criança aprende a *amar* outras pessoas que a ajudam a satisfazer as suas necessidades. Êsse amor forma-se segundo o mesmo modêlo e obedece à mesma ordem que as relações estabelecidas entre a criança e a mãe durante o período de aleitamento. Muitas pessoas recusar-se-ão, talvez, a identificar os sentimentos ternos e as preferências da criança pelas pessoas que as tratam com o amor sexual. Eu creio, porém, que uma investigação psicológica mais profunda pode estabelecer essa identidade com uma certeza absoluta. As relações da criança com as pessoas que a cuidam são para ela uma fonte contínua de excitações e de satisfações sexuais vindas das zonas erotogéneas. E isso é tanto mais assim quanto a pessoa que cuida da criança (geralmente a mãe) manifesta sentimentos que derivam da sua própria vida sexual: beija, embala e considera a criança, sem dúvida alguma, como o substituto dum objecto sexual completo. É pro-

 vável que uma mãe ficasse surpreendida se lhe dissessem que é ela que desperta, pelos carinhos que lhe dá, o instinto sexual do seu filho, e determina a intensidade futura dêsse instinto. Ela pensa que os seus gestos são manifestações dum amor assexual e *puro,* em que a sexualidade não toma parte, pois que evita excitar os órgãos sexuais da criança mais do que exige a higiene do corpo. Mas nós sabemos que o instinto sexual não desperta só pela excitação da zona genital. O que chamamos ternura não pode deixar de ter, um dia, repercussão sôbre a zona genital. De resto, se a mãe estivesse melhor informada sôbre a importância dos instintos no conjunto da vida espiritual, em tôda a actividade ética e psíquica, não se condenaria por êsse facto. Ela não faz senão cumprir o seu dever, ensinando a amar à criança, que deve vir a ser um ente completo e são, dotado duma sexualidade bem desenvolvida, e que pela vida fora terá que satisfazer o que o instinto lhe exige. É verdade que um excesso de ternura materna se torna prejudicial por poder provocar uma sensualidade precoce, por estragar a criança com mimo, e por a tornar incapaz de renunciar, durante um certo tempo, ao amor, ou de se contentar com um amor mais comedido. O facto da criança se mostrar insaciável na sua necessidade de ternura materna é um dos mais seguros sintomas do nervosismo ulterior.

Por outro lado, são precisamente os pais neuró-patas, que, como é sabido, têm uma tendência para exagerar a ternura, que despertam, pelas suas carícias, as predisposições da criança para as neuroses. Êste exemplo mostra-nos que há vias mais directas que a hereditariedade para a transmissão das neuroses às crianças.

MEDO INFANTIL. — O procedimento das crianças, desde a mais tenra idade, indica que o seu gôsto pelas pessoas que as tratam tem qualquer coisa de sexual. O mêdo nas crianças não é outra coisa, na sua orígem, que um sentimento de ausência da pessoa amada. E por isso, igualmente, que elas se aproximam com mêdo dos estranhos. Afligem-se na obscuridade porque não podem ver a pessoa amada, e essa aflição só passa quando podem guardar entre as suas a mão daquela pessoa.

Nós exageramos a importância dos lobishomens e das histórias contadas pelas criadas quando as tornamos responsáveis do mêdo das crianças. Só as crianças predispostas se deixam impressionar por essas histórias, que não exercem efeito algum sôbre as outras. As que mostram essa predisposição são as que têm o instinto sexual precoce, ou aquelas em que êle se tornou excessivo e exigente. A criança, neste caso, procede como o adulto: o seu «líbido» transforma-

 -se em angústia desde que não pode alcançar uma satisfação; o adulto, tornado neurópata em conseqüência dum «líbido» não satisfeito, procederá, nas suas angústias, como uma criança: começa a ter mêdo quando o deixam só, sem uma pessoa que o estime, e, para afastar a sua angústia, recorre aos meios mais pueris.

INIBIÇÃO DO INCESTO. — Se a ternura dos pais consegue não despertar prematuramente o instinto sexual da criança, quere dizer, se evita dar-lhe, antes de se realizarem as condições físicas da puberdade, uma intensidade tal que a excitação psíquica se produza duma maneira bem determinada sôbre o sistema genital, então essa ternura poderá desempenhar a missão que lhe compete, e que consiste em guiar a criança, tornada adulta, na escolha do objecto sexual.

A criança tem a propensão para escolher as pessoas que amou na sua infância, em conseqüência dum «líbido», por assim dizer, atenuado. Mas, tendo sido retardada a maturidade sexual, houve o tempo necessário para provocar, ao lado de outras inibições sexuais, a do incesto. A criança pôde compreender os preceitos morais que excluem expressamente da escolha do objecto as pessoas amadas durante a infância e que têm o mesmo sangue que ela. A sociedade prescreve essa inibição para impedir que a família absorva

tôdas as fôrças de que ela precisa para formar organizações sociais de carácter elevado. A sociedade serve-se então de todos os meios, para que, em cada um dos seus membros, e particularmente no adolescente, afrouxem os laços de família que eram os únicos que existiam durante a infância.

Mas a escolha do objecto realiza-se, primeiro, sob a forma de criações imaginárias, e a vida sexual do adolescente não pode, nessa altura, fazer mais que abandonar-se à sua fantasia, quere dizer, encerrar-se em representações que não são destinadas a realizar-se. Nestas criações encontram-se, nos homens, tôdas as tendências e inclinações da criança, reforçadas pelo desenvolvimento somático. Entre estas tendências, aquelas que marcam mais pela importância e freqüência são as emoções sexuais que, a maior parte das vezes, adquiriram um carácter diferenciado em conseqüência da inclinação sexual da criança para os pais: do filho para a mãi e da filha para o pai. Ao mesmo tempo que estas ficções incestuosas são abandonadas e ultrapassadas, realiza-se um trabalho psicológico, característico do período da puberdade, que é dos mais importantes mas, também, dos mais dolorosos: o esfôrço do filho para se libertar da autoridade dos pais, esfôrço que basta para produzir a oposição, tão importante para o progresso, entre a

 nova e a velha geração. Certos indivíduos podem fixar-se em cada uma destas fases do desenvolvimento por que passa um ser normal. E assim que se encontram algumas pessoas que nunca se puderam libertar da autoridade paternal, que não souberam separar dos pais os seus sentimentos de ternura, ou que, pelo menos, só o puderam fazer duma maneira imperfeita. Trata-se, sobretudo, de raparigas que, com grande alegria dos pais, se consagram em absoluto ao amor filial, até muito depois da puberdade. È interessante observar que estas raparigas, quando se casam, não podem dar ao marido tudo o que lhe é devido. Serão espôsas frias, sexualmente insensíveis. Pode-se deduzir daqui que o amor filial, aparentemente não-sexual, e o amor sexual têm a mesma origem; quere dizer, o amor filial não é mais do que uma fixação infantil do «líbido».

Quanto mais de perto considerarmos as profundas perturbações da evolução psicosexual, mais se afirma a importância do elemento incestuoso na escolha do objecto. Nos casos de psiconeuroses, a actividade psicossexual que procura o objecto, fica, em grande parte, ou na totalidade, no inconsciente, em conseqüência duma recusa da sexualidade. As raparigas que sentem uma necessidade de ternura excessiva, ao mesmo tempo que uma repugnância igualmente excessiva pela exigência da vida sexual,

estão sujeitas a uma tentação irresistível, que as leva, por um lado, a procurar na vida o ideal dum amor assexual, e, por outro, a disfarçar o «líbido» sob uma ternura que podem manifestar, sem ter de que se censurar, conservando durante tôda a vida as suas afeições infantis pelos pais, irmãos e irmãs, afeições que a puberdade renovou. A psicoanálise, que procura, através dos sintomas mórbidos, o seu pensamento inconsciente e o leva, ao mesmo tempo, à consciência, poderá, sem dificuldade, provar aos indivíduos dêste tipo que estão enamorados dos seus pais, no sentido que se dá vulgarmente à palavra. Sucede o mesmo no caso em que um indivíduo que começou por ser normal, apresenta caracteres patológicos em conseqüência dum amor infeliz. Poder-se-á, com exactidão, demonstrar que o mecanismo da doença consiste num regresso do «líbido» às pessoas amadas durante a infância.

EFEITOS LONGÍNQUOS DA ESCOLHA DO OBJECTO SEXUAL, EFECTUADA DURANTE A INFÂNCIA. — Aquele que evitou fixar a escolha do objecto por um «líbido» incestuoso, não fica, por isso, liberto da influência dêste. É, sem dúvida alguma, uma repercussão da fase inicial que leva um rapaz a escolher uma mulher de idade madura para

 os seus primeiros amores, e uma rapariga a amar um homem de idade que goze duma certa consideração. Estas pessoas fazem reviver nêles a imagem da mãi ou do pai.

Podemos admitir que, em geral, a escolha do objecto se faz em conseqüência duma adaptação livre daqueles dois modelos. Acima de tudo, o homem procura a imagem da mãi, que o domina desde a infância. Êste facto conjuga-se perfeitamente com o da mãi, ainda viva, se opor, com energia, à pessoa escolhída à sua imagem pelo filho. Se tivermos, assim, em consideração a importância que, para a determinação da escolha ulterior do objecto sexual, têm as ligações das crianças com os pais, compreender-se-á, sem dificuldade, que tudo o que perturba essas ligações na criança, terá as mais graves conseqüências para a vida sexual do adulto. O ciúme dos amantes, por exemplo, tem, sem dúvida, a sua orígem nas experiências da infância, ou foi, pelo menos, reforçado por elas. As questões entre os pais, um casamento infeliz têm como conseqüência, para o adolescente, predispô-lo para perturbações do desenvolvimento sexual ou para as neuroses.

O afecto da criança pelos pais deixa as mais profundas impressões, e estas, renovadas durante a puberdade, orientarão a escolha do objecto. Não é êste, porém, o único facto digno

de consideração. Outras directivas provenientes da mesma fonte, permitem ao adulto desenvolver, inspirando-se nas experiências feitas durante a infância, numerosas *séries* sexuais, ou seja, realizar as condições mais diferentes na determinação da escolha do objecto.

MEIOS DE DEFESA CONTRA A INVERSÃO. — Um dos fins evidentes da escolha consiste em recair sôbre um objecto pertencente ao sexo oposto. O problema, como se sabe, não se resolve senão depois de certas tentativas. Depois de disperta a puberdade, o homem engana-se com freqüência nos seus primeiros movimentos, sem que êsses erros lhe causem um mal duradouro. Dessoir notou, muito justamente, com que regularidade se encontram os mesmos caracteres nas amizades entusiásticas ou romanescas dos adolescentes pelos seus amigos do mesmo sexo. A fôrça que impede a inversão de se prolongar é, acima de tudo, a atracção que os caracteres dos sexos opostos exercem um sôbre o outro. Não podemos tentar, dentro do quadro dêste trabalho, uma explicação dêste fenómeno.

Aquele factor, só por si, não bastaria para afastar a inversão: vêm juntar-se-lhe elementos secundários que actuam no mesmo sentido. Citemos, em primeiro lugar, a influência inibitória que exerce a sociedade. Em qualquer parte onde

 a inversão não for considerada como um crime, poder-se-á verificar que ela corresponde ao desejo sexual de numerosos indivíduos. Podemos supor que, no homem, as recordações da infância, durante a qual esteve entregue à ternura da mãi ou doutras mulheres, contribuem duma maneira decisiva para dirigir a escolha no sentido da mulher. Por outro lado, a reserva sexual do pai para com o filho, e a posição de rival tomada em relação a êle, desviam o rapaz do seu próprio sexo. Acrescentemos, porém, que êsses dois factos actuam igualmente na rapariga, cuja actividade sexual se desenvolve sob a tutela particular da mãi. Estabelece-se, assim, uma atitude hostil da sua parte para com o seu próprio sexo, o que exerce uma influência decisiva quando da escolha do objecto, no caso considerado como normal. A educação dos rapazes por homens (os escravos, na antiguidade) parece ter favorecido o desenvolvimento da homossexualidade; a freqüência da inversão, na aristocracia de hoje, compreende-se melhor quando se tem em consideração o facto de nas famílias nobres se empregarem, geralmente, homens como criados, e as mãis cuidarem menos dos filhos. Em certos casos de histeria, nota-se que as condições que determinaram a escolha do objecto sexual e fixaram, assim, uma inversão permanente, têm origem no facto de um dos pais ter desaparecido prematura-

mente (quere tenha morrido, quere se tenha divorciado do cônjuge ou tenha alienado o afecto do filho) de maneira que o amor da criança se concentrou todo naquele que lhe restou.

Conclusão

Parece-nos chegado o momento de esboçar uma visão de conjunto. Tendo partido dos desvios do instinto sexual relativos ao seu objecto e ao seu fim, fizemos esta pregunta: ¿estes desvios provêm duma disposição innata ou são adquiridos? O que nos permitiu responder foram as indicações colhidas na atitude sexual das pessoas atingidas de psiconeuroses que formam um grupo numeroso e de carácter bastante aproximado do dos indivíduos normais. Essas indicações foram obtidas pelo método psicoanalítico. Verificámos, assim, que nos indivíduos dessa categoria se podem encontrar as disposições comuns a tôdas as perversões sob a forma de fôrças inconscientes, determinando uma série completa de sintomas. Foi assim que nós pudémos dizer que a neurose é o negativo da perversão. Tendo reconhecido, assim, como estavam espalhadas as disposições para a perversão, vimo-nos forçados a admitir que a disposição para a perversão é a disposição geral, original, do instinto sexual. Êste não se torna normal senão em conseqüência de modificações

 orgânicas e de inibições psíquicas sobrevindas no decorrer do seu desenvolvimento. Concebemos, então, a esperança de descobrir qual a disposição original da criança. Entre as fôrças que modificam a direcção do instinto sexual citámos, em primeiro lugar, o pudor, a repugnância, a piedade e as representações colectivas da moral impostas pela sociedade. Cada desvio da vida sexual apaceu-nos assim, desde o momento em que aquela se fixou, como o resultado duma suspensão do desenvolvimento, isto é, como um sintoma de infantilismo. Insistimos acêrca da influência preponderante das variações sôbre as disposições originais, ao mesmo tempo que admitimos que entre elas e as influências da vida não existe oposição, mas, sim, cooperação. Por outro lado, tendo admitido que a disposição original tem um carácter de complexidade, o instinto sexual em si apareceu-nos como um complexo que, no caso das perversões, se dissocia. De maneira que as perversões podem apresentar-se, quer como resultado duma *compressão,* quer como efeito duma dissociação no decurso dum desenvolvimento normal. Estas duas concepções levaram-nos a pensar que a tendência sexual dos adultos se forma pela integração dos múltiplos movimentos e impulsos da vida infantil, de modo a formar uma unidade, quere dizer, uma tendência dirigida para um único fim.

Explicámos, ainda, a preponderância das disposições perversas nos casos de psiconeuroses, reconhecendo que a doença era a conseqüência dum desvio, da corrente principal para as vias colaterias, ocasionado pelas *compressões*. Analisámos, em seguida, a vida sexual durante a infância, deplorando que se tenha querido ignorar o instinto sexual da infância e que se tenham descrito as manifestações sexuais, tão freqüentes nesta idade, como fenómenos anormais. Pareceu-nos, pelo contrário, que a criança, quando vem ao mundo, traz consigo os germes da vida sexual, e que, quando mama, experimenta uma satisfação de ordem sexual, que procurará em seguida reencontrar no acto tão conhecido da *sucção*. Esta actividade sexual da criança não se desenvolverá da mesma maneira que as outras funções, mas depois de se manifestar durante um curto período, que vai dos dois aos cinco anos, entrará num período de sexualidade latente. Durante esta época — dissémos ainda — a actividade sexual não se interrompe, continuando e fornecendo energias que são, em grande parte, desviadas para fins não-sexuais. Por outras palavras: contribui para a formação dos sentimentos sociais, e, por outro lado, por meio da *compressão* e provocando reacções, cria barreiras sexuais que hão-de servir mais tarde. A conclusão que parecia impôr-se era que as fôrças destina-

 das a manter o instinto sexual em determinadas direcções se desenvolviam, durante a infância, à custa de movimentos sexuais que têm, na maior parte dos casos, um carácter de perversidade ao mesmo tempo que se formam com o apoio da educação. Uma parte dos movimentos sexuais da criança, que foge à transformação, pode exteriorizar-se por uma actividade sexual. Assim, parece que os movimentos sexuais da criança provêm de fontes diversas, principalmente das zonas erotogéneas, que produzem a satisfação desde que sejam excitadas duma maneira apropriada. Segundo tôdas as probabilidades, tôdas as regiões da epiderme, todo o órgão sensorial, e, provàvelmente, qualquer outro órgão, podem exercer a função de zonas erotogéneas. Existem, porém, certas zonas privilegiadas cuja excitabilidade está assegurada desde o princípio, por certas disposições orgânicas. Por outro lado, a excitação sexual produz-se, por assim dizer, como efeito secundário dum certo número de *processus* internos, contanto que estes tenham atingido um grau suficiente de intensidade, sobretudo tratando-se de emoções fortes, mesmo quando estas são de natureza penosa. As excitações provenientes de tôdas estas fontes não se coordenam ainda, mas perseguem cada uma um fim separado que se reduz a um prazer particular. Isto leva-nos a pensar que o instinto sexual, durante

a infância, *não tem ainda um centro,* que começa
por não ter objecto, quere dizer, que é *auto-erótico.*

A existência da zona erotogénea, localizada no aparelho genital, começa a manifestar-se na infância, quer reaja como qualquer outra zona erotogénea, em conseqüência de excitações apropriadas, procurando uma satisfação, quer, por um mecanismo ainda pouco compreensível, uma satisfação proveniente doutras fontes produza, ao mesmo tempo, uma excitação sexual que repercuta duma maneira especial sôbre a zona genital. Tivemos que confessar, contra a nossa vontade, que não nos era possível dar uma explicação satisfatória das ligações existentes entre a excitação sexual e a satisfação sexual, bem como das ligações a estabelecer entre a actividade da zona genital e a das outras fontes da sexualidade.

Ao estudar as perturbações neuropáticas, entrevimos que, na vida sexual da infância, existe, desde o início, um comêço de organização entre os elementos que constituem as diversas tendências sexuais. Na primeira fase da vida sexual da infância predomina o erotismo da zona *bucal.* A segunda formação *pregenital* caracteriza-se pelo predomínio do *sadismo* e pelo erotismo da zona *anal.* Só na terceira fase a vida sexual passa a ser determinada pela contribuïção das zonas genitais pròpriamente ditas.

 Verificámos em seguida, com grande surprêsa, que esta primeira vida sexual infantil (dos dois aos cinco anos) leva à escolha dum objecto, e que é acompanhada das mais variadas actividades psíquicas. Quere dizer: esta fase a-pesar-da falta de coordenação dos elementos que determinam a tendência, e da falta de segurança na escolha do objecto, pode ser considerada como a mais importante, entre as que precedem a formação sexual definitiva.

O facto de o desenvolvimento sexual se realizar em *dois impulsos* sucessivos, ou seja, o facto de haver uma interrupção (período de sexualidade latente) pareceu-nos digno duma especial atenção. Com efeito, é essa uma das condições que permitem ao homem a marcha para uma civilização mais elevada. Encontramos, também neste facto, a explicação das predisposições para as neuroses. Nos animais aparentados com o homem não se verifica nada de semelhante. Para descobrir as origens desta particularidade do desenvolvimento humano, seria preciso recorrer à prehistória.

Não podemos dizer qual o grau de actividade sexual durante a infância que deve ser considerado como normal e que não prejudica o desenvolvimento ulterior. Mostrámos que as manifestações sexuais infantis tinham, sobretudo, um carácter onanístico. Verificámos em seguida,

apoiados pela experiência, que as influências exteriores da sedução podem provocar interrupções prematuras do período de sexualidade latente, e chegar mesmo a suprimi-lo, revelando-se a tendência sexual da criança, nesse caso, polimorfa perversa. Vimos, enfim, que tôda a actividade sexual prematura, provocada desta maneira, tornava a educação da criança mais difícil.

Se bem que os nossos conhecimentos sôbre a vida sexual infantil apresentem grandes lacunas, tentámos analisar as modificações provocadas pela puberdade. Entre estas modificações considerámos como especialmente importantes: a subordinação de tôdas as excitações sexuais, qualquer que seja a sua origem, ao primado das zonas genitais; em seguida o *processus* por meio do qual se faz a escolha do objecto. Estes dois fenómenos estão preformados desde a infância. A subordinação das excitações sexuais opera-se por meio dum mecanismo que utiliza o prazer preliminar de tal maneira que os actos sexuais, até aí independentes uns dos outros, tornam-se preparatórios do novo acto sexual — a emissão dos produtos genitais — no qual o prazer atinge o seu ponto culminante e acaba a excitação sexual. Tínhamos que ter em consideração, na nossa análise, a diferenciação do ser sexual que se tornasse, respectivamente, homem e mulher. Achámos que, para produzir a mulher, se torna ne-

 cessária uma nova *compressão* em virtude da qual desaparece uma parte da virilidade infantil da mulher, preparando-a para substituir uma zona genital diretriz por outra. Verificámos, enfim, que a escolha do objecto por manifestações esboçadas durante a infância é renovada ao dar-se a puberdade. Referimo-nos ao afecto da criança pelos pais e pelas pessoas que a rodeiam. Por outro lado, em virtude da barreira erguida entretanto contra o incesto, a escolha desvia-se dessas pessoas e fixa-se noutras que se lhe assemelham. Acrescentemos ainda, para terminar, que, durante o período transitório da puberdade, os *processus* de desenvolvimento físico e psíquico se realizam, sem ligação entre si, até ao momento em que, em virtude da irrupção dum movimento amoroso intenso, de carácter psíquico, repercutindo sôbre a enervação das partes genitais, se realiza, enfim, a unidade característica da vida erótica sexual.

FACTORES QUE PODEM PROVOCAR PERTURBAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO SEXUAL. — Cada etapa desta longa evolução pode tornar-se um ponto de paragem e de fixação. Cada agrupamento dêsse *complexus* confuso pode provocar uma dissociacão do instinto sexual, como no-lo demonstraram numerosos exemplos. Resta-nos enumerar os di-

versos factores internos ou externos capazes de perturbar o desevolvimento, e dizer sôbre que parte do mecanismo êles actuam. Notemos, no entanto, que nessa enumeração os factores não terão todos a mesma importância e que será difícil apreciá-los pelo seu justo valor.

CONSTITUÏÇÃO E HEREDITARIEDADE. —E necessário citar em primeiro lugar as diferenças congênitas das constituïções sexuais que talvez sejam duma importância decisiva, mas cujos caracteres não podem ser apreendidos senão por dedução, partindo das manifestações ulteriores, e ainda assim sem que possamos alcançar uma certeza absoluta. Cremos que essas diferenças consistem na preponderância duma fonte determinada da excitação sexual e supomos que elas devem, em todos os casos, manifestar-se na actividade resultante final, mesmo se esta se encontrar dentro dos limites do normal. Isto não quere dizer, evidentemente, que se não possam imaginar variações da disposição original que, necessàriamente e sem intervenção de outros factores, criam uma vida sexual anormal. Designaremos essas variações pelo nome de *degenerescências*, podendo ver nelas os sintomas duma deterioração hereditária. Citarei a propósito uma curiosa observação: em mais de metade dos doentes que tratei de histeria caracterizada, neurose da an-

 gústia, etc., verifiquei que o pai do doente era um sifilítico tratado antes do casamento, quer tenha sido tabético ou paralítico geral, quer se lhe tenha encontrado a sífilis por anamnésia. Insisto especialmente sôbre o facto de as crianças neurópatas que tratei não apresentarem nenhum estigma de sífilis, de maneira que a anomalia existente no carácter sexual devia ser considerada como a derradeira conseqüência duma hereditariedade sifilítica. Sem querer dizer que a descendência de pais sifilizados seja a condição etiológica regular e necessária duma constituïção neuropática, creio que as coincidências observadas não são o produto do acaso e que se lhes deve reconher a importância que elas têm.

No que diz respeito aos casos de perversões positivas, as condições hereditárias são menos conhecidas, pois escapam aos nossos meios de investigação. Temos razões, porém, para supor que há analogia entre as neuroses e os casos de perversão. Encontram-se, com efeito, freqüentemente, na mesma família casos de perversões e psiconeuroses divididas entre os dois sexos da seguinte maneira: os homens, ou, pelo menos, um dêles, mostram uma perversão positiva, enquanto que as mulheres, em virtude da tendência para a *compressão* própria do sexo, apresentam uma perversão negativa, ou seja a histeria. Isto é mais uma prova das ligações essenciais

que verificámos existirem entre estas duas espécies de perturbações mórbidas.

ELABORAÇÃO ULTERIOR. — Seria erróneo julgar, no entanto, que o jôgo dos diversos factores da constituïção sexual basta para determinar a forma que tomará a sexualidade. Esta fica condicionada ao exterior, oferecendo-se-lhe novas possibilidades, conforme o destino que sofrem os afluxos sexuais provenientes das diferentes fontes. O elemento decisivo é constituído pela elaboração ulterior, mostrando-nos a descrição clínica três formas possíveis de desenvolvimento. Se tôdas as disposições conservam entre si uma ligação (que definimos como anormal) e se reforçam com a maturidade, o único resultado possível é uma vida sexual perversa. A análise de semelhantes anomalias constitucionais nunca foi aprofundada, e, no entanto, conhecemos já certos casos que aquela hipótese explica fàcilmente. Certos autores pensam que uma série de perversões fixadas pressupõe, fatalmente, uma fraqueza congénita do instinto sexual. Sob esta forma a tese não me parece defensável. Considero-a fecunda, porém, desde que a expressão «fraqueza congénita sexual» possa ser aplicada a um dos factores constitucionais do instinto sexual, ou seja, à zona genital, a que deve incumbir, mais tarde, a função de coordenar, com o fim

 da procriação, essas manifestações sexuais até então isoladas. Com efeito, nesse caso, a integração que devia fazer-se no momento da puberdade não pode efectivar-se; e será o mais forte dos factores determinantes que prevalecerá sôbre a forma de perversão.

«COMPRESSÃO».— Chegaremos a um resultado completamente diferente se, no decurso do desenvolvimento, certos factores determinantes do instincto sexual, que consideraremos excessivos, sofrerem uma *compressão* que—não o esqueçamos nunca—não equivale a um desaparecimento. As excitações produzem-se como anteriormente mas são desviadas do seu fim por uma inibição psíquica e são impelidas para outras vias até ao momento em que se exteriorizarão sob a forma de sintomas mórbidos. Pode resultar daí uma vida sexual normal, deminuída, é certo, a maior parte do tempo, e tendo psiconeuroses por complemento. Conhecemos bem estes casos pelas observações psicoanalíticas que fizemos em neurópatas. A vida sexual dos indivíduos desta espécie começa como a dos perversos: uma parte da sua infância foi preenchida por uma actividade sexual perversa que, por vezes, mesmo, se estendeu muito para lá da puberdade. Em seguida, por razões interiores, geralmente antes da puberdade, mas por vezes também de-

pois, aparece uma transformação em conseqüência duma *compressão*. Desde êsse momento, sem que as antigas tendências desapareçam, a neurose substitui-se à perversão. Isso faz-nos lembrar o adágio: jovem dissoluta, velha devota. Mas, no caso presente, foi muito curta a juventude! Esta substituïção da perversão pela neurose, na vida do indivíduo, a distribuïção de casos de perversão e de neuroses por uma mesma família, tudo isso deve relacionar-se com o facto de a neurose constituir o complemento negativo da perversão.

SUBLIMAÇÃO. — Pode haver uma terceira solução no *processus* da *sublimação* para o caso duma constituïção anormal. As excitações excessivas que derivam das diferentes fontes da sexualidade encontram uma derivação e uma estilização noutros domínios. Desta maneira, as disposições, perigosas no comêço, produzirão um aumento apreciável de aptidões e actividades psíquicas. E essa uma das fontes da produção artística. A análise do carácter de certos indivíduos dotados de qualidades artísticas, indicará a existência de relações variáveis entre a criação, a perversão e a neurose, conforme a sublimação tenha sido completa ou incompleta. Parece que a repressão — pelas fôrças psíquicas que, como vimos, começam a manifestar-se no período de sexualidade latente, mantendo-se durante

 tôda a vida se as condições são favoráveis — deve ser considerada como uma espécie de sublimação. O que chamamos *carácter* é, em grande parte, construído com um material de excitações sexuais, e compõe-se de tendências fixadas desde a infância ou adquiridas pela sublimação, e de construções destinadas a reprimir os movimentos perversos, reconhecidos como inúteis. Podemos dizer que a disposição sexual, geralmente perversa, da criança, cria, pelas reacções que provoca, um grande número das nossas virtudes.

CAUSAS OCASIONAIS. — Em face dos *processus* que enumerámos: impulsos sexuais, *compressões* e sublimações (o mecanismo interior dos dois últimos é-nos completamente desconhecido), tôdas as outras influências são duma importância secundária. Se considerarmos as *compressões* e as sublimações como partes integrantes das disposições constitucionais do indivíduo, ou melhor, como as suas próprias manifestações, poderemos dizer que a forma definitiva que toma a vida sexual é, acima de tudo, o resultado duma constituïção congénita. Admitindo, embora, a cooperação dos diferentes factores, não se pode deixar de ter em consideração certas influências provenientes de experiências fortuitas feitas quer durante a infância quer mais tarde. Não é fácil avaliar a importância relativa dos factores cons-

titucionais e dos factores acidentais. Na teoria, somos levados a aumentar o valor dos primeiros, mas na prática terapêutica é a importância dos segundos que prevalece. Seja como fôr, não se deve esquecer que entre as duas séries de factores não há exclusão, mas, sim, cooperação. O factor constitucional, para se valorizar, carece de experiências condicionadas; o factor acidental não pode agir senão apoiado sôbre uma constituïção. Na maioria dos casos, pode-se imaginar uma *série de combinações complementares,* em que as intensidades decrescentes dum dos factores são compensadas pelas intensidades crescentes do outro. Isto não pode, no entanto, servir de pretexto para negar a existência de casos extremos em que cada série vai acabar.

No domínio dos factores acidentais, a psicoanálise atribui um lugar preponderante às experiências do primeiro período da infância. A série dos antecedentes etiológicos dividir-se-ia em duas, uma das quais compreenderia os elementos constitucionais, e a outra as causas ocasionais. Na primeira dessas séries haveria acção conexa da constituïção e das experiências realizadas na infância; da mesma maneira que, na segunda série, se daria uma combinação da acção das predisposições e das experiências traumáticas ulteriores. Tôdas as circunstâncias desfavoráveis ao desenvolvimento sexual dão

 como resultado provocar uma regressão, quere dizer, uma volta a uma fase anterior do desenvolvimento.

Voltemos à enumeração dos factores que exercem uma influência sôbre o desenvolvimento sexual.

PRECOCIDADE. — Entre os factores importantes, mencionemos a precocidade sexual espontânea, que se encontra, invariàvelmente, na etiologia das neuroses, se bem que não possa ser, só por si (como, de resto, qualquer outro factor), a causa do *processus* mórbido. Essa precocidade manifesta-se por uma interrupção, uma deminuïção ou uma supressão do período de sexualidade latente, e ocasiona perturbações, provocando manifestações sexuais que têm um carácter de perversão devido ao fraco desenvolvimento das inibições sexuais e ao estado ainda rudimentar do sistema genital. Essas disposições para a perversão podem manter-se ou, depois de uma *compressão* prévia, predispor para as neuroses.

Em qualquer dos casos, a precocidade sexual terá, mais tarde, como conseqüência uma maior dificuldade no tão desejado domínio do instinto sexual pelas fôrças psíquicas superiores, aumentando, ainda, o carácter de obcessão inerente aos equivalentes psíquicos do instinto sexual. A precocidade sexual coincide freqüentemente com a

precocidade intelectual. Assim, vamos encontrá-la na infância dos indivíduos mais eminentes, não tendo, neste caso — ao que parece — o mesmo grau patogénico.

O TEMPO, FACTOR DA EVOLUÇÃO SEXUAL. — O factor *tempo* reclama uma atenção especial pela mesma razão que a precocidade. A filogénese pôde fixar a ordem pela qual as diversas tendências entram em actividade, e determinar o tempo da sua manifestação antes de elas desaparecerem sob a influência duma nova tendência ou em virtude duma *compressão* caracterizada. Tanto na sucessão como na duração dessas tendências, parece haver, porém, variações que podem ser duma importância decisiva quanto ao resultado final. Não é indiferente que uma corrente surja mais cedo ou mais tarde que a corrente contrária, pois o efeito duma *compressão* não pode ser anulada. Se a ordem dos elementos que determinam a tendência sexual variar, o resultado será diferente. Por outro lado, o movimento de certas tendências que atingem o primeiro plano pode ser duma extraordinária rapidez. Por exemplo, as ligações heterosexuais dos futuros homosexuais. As tendências da criança, seja qual fôr o carácter violento da sua irrupção, não justificam o receio de que dominem o carácter do adulto de maneira duradoura. Pode

 acontecer, também, elas desaparecerem para dar lugar à tendência contrária (os déspotas não reinam durante muito tempo). As razões que dão origem às perturbações no *processus* de desenvolvimento escapam-nos por completo. Não fazemos mais do que entrever, ao longe, um grupo de problemas biológicos, e, talvez, possìvelmente, históricos, de que não nos aproximámos ainda o bastante para os poder atacar.

PERSEVERANÇA. — A importância de tôdas as manifestações precoces aumenta graças a um factor psíquico cuja origem nos é desconhecida e que não podemos apreciar senão duma maneira provisória. Trata-se da *perseverança* e da *fixação* prolongada das impressões da vida sexual — sintomas que se encontram em futuros neuropatas ou em perversos e que é preciso considerar dentro do quadro clínico. Com efeito, as mesmas manifestações sexuais precoces não exercem, sôbre outra criatura, uma influência bastante profunda para as forçar à repetição e imprimir, assim, para a vida inteira, uma direcção à sua tendência sexual. Talvez uma das razões que explicam o carácter desta fixação seja um facto psicológico sem o qual não se pode precisar a etiologia das neuroses. Referimo-nos à preponderância que os vestígios deixados na memória tem sôbre as impressões mais recentes. Êste facto

psicológico depende, certamente, do grande desenvolvimento intelectual, e aumenta de importância com a cultura do indivíduo. Já se disse, falando dos selvagens, que êles eram «os filhos infelizes do momento». Dadas as relações antagónicas que existem entre a civilização e o livre desenvolvimento da sexualidade — relações de que, muito tempo depois, ainda se podem seguir os efeitos sôbre a forma que tomará a nossa vida —, é da maior importância, nas civilizações avançadas, saber como se desenvolveu a vida sexual da criança. Em contraposição, nas civilizações inferiores, êsse desenvolvimento não tem interêsse algum.

FIXAÇÃO. — A influência favorável que exercem os factores psíquicos que acabamos de enumerar é reforçada, durante o tempo da sexualidade infantil, pelos incitamentos do exterior. Estes (em primeiro lugar a sedução de outras crianças ou de adultos) criam estados sexuais que, com o auxílio dos elementos psíquicos atrás citados, se podem fixar e tornar, por isso, patológicos. Uma parte importante dos desvios sexuais que se notam no adulto deve-se às impressões sofridas durante a infância erradamente considerada assexual. No número das causas que favorecem essas sensações, é preciso incluir a constituïção, a precocidade, um aumento da tendência

 para a imobilidade e, enfim, as excitações fortuitas do instinto sexual pelas influências exteriores.

Ao terminar êste livro, devemos confessar, com mágoa, que as nossas investigações sôbre as perturbações da vida sexual indicam, claramente, a insuficiência dos nossos conhecimentos acêrca dos *processus* biológicos que constituem a essência daquelas. Não podemos formar, por conseguinte, com os nossos conhecimentos isolados, uma teoria capaz de explicar suficientemente os caracteres normais e patológicos da sexualidade.

Índice

NOTA EXPLICATIVA DA INTENÇÃO DO TRADUTOR.. .. ..

PREFÁCIO .. ..

AS ABERRAÇÕES SEXUAIS 1

I — DESVIOS RELACIONADOS COM O OBJECTO SEXUAL 5

II — DESVIOS RELACIONADOS COM O FIM SEXUAL 22

III — GENERALIDADES SÔBRE AS PERVERSÕES.. 37

IV — DO INSTINTO SEXUAL NOS NEURÓPATAS 41

A SEXUALIDADE INFANTIL 55

AS TRANSFORMAÇÕES DA PUBERDADE 103

CONCLUSÃO 139

ACA-
BOU DE
SE IMPRIMIR
ÊSTE LIVRO,
EDIÇÃO DA «EDITO-
RIAL ÁTICA», RUA DO
CRUCIFIXO, 102-LX^a, DU-
RANTE O MÊS DE NOVEMBRO
DE MIL NOVECENTOS E TRINTA E
DOIS, NAS OFICINAS GRÁ-
FICAS DA EMPRÊSA DO
ANUÁRIO COMER-
CIAL, PRAÇA
DOS RESTAU-
RADORES,
24-LIS-
BOA